



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ENÉAS SOARES NETO

**APLICAÇÃO DA MÚSICA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A PERCEPÇÃO DOS DOCENTES EM
EXERCÍCIO NAS ESCOLAS DE ARACAJU**

São Cristóvão - SE
2019

ENÉAS SOARES NETO

**APLICAÇÃO DA MUSICA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A PERCEPÇÃO DOS DOCENTES EM
EXERCÍCIO NAS ESCOLAS DE ARACAJU**

Monografia apresentada ao curso de Educação Física Licenciatura, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito avaliativo final para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador: José Américo Santos Menezes

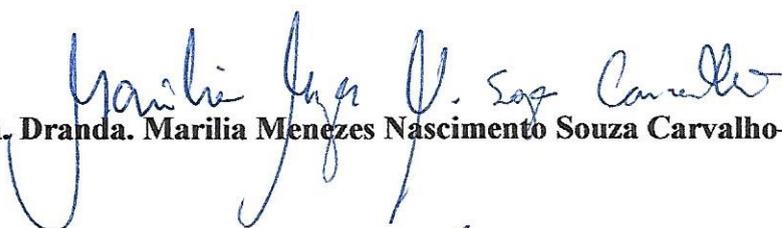
São Cristóvão - SE
2019

ENÉAS SOARES NETO

**APLICAÇÃO DA MÚSICA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA
NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A PERCEPÇÃO DOS DOCENTES
EM EXERCÍCIO NAS ESCOLAS DE ARACAJU**

Monografia aprovada como requisito para obtenção do título de Licenciado no curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe.


Prof. Jose Américo Santos Menezes - Orientador


Profa. Dranda. Marília Menezes Nascimento Souza Carvalho – Membro convidado


Prof. Me. Dagoberto de Oliveira Machado – Membro convidado

São Cristóvão, 11/03/2019

AGRADECIMENTOS

Que poderei retribuir ao Senhor Deus por tudo aquilo que ele fez em meu favor? Não poderia agradecer em primeiro lugar senão a Deus por todo esse caminho formativo, que envolveu lutas, lágrimas, agonias, alegrias e crescimento. Os que confiam no Senhor revigoram suas forças. Obrigado, Senhor, porque até tu me ajudou.

Aos meus pais, Raimundo e Jô, e ao meu irmão, Felipe, por serem efetivamente amor e cuidado de Deus para mim. Agradeço o apoio incessante e a paciência comigo na conclusão desse trabalho. Sem vocês isso não seria possível. Essa vitória também pertence a vocês.

Ao meu orientador, professor Dr. José Américo, por ter me socorrido neste processo. Obrigado, de verdade, pelo olhar humano, pelo conhecimento transmitido e pelo testemunho profissional.

Agradeço ainda de forma especial ao professor Dr. Luiz Anselmo por sua importante contribuição neste trabalho e em minha formação profissional e humana.

Aos professores da educação básica que gentilmente colaboraram cedendo seu tempo e partilhando suas experiências, as quais foram fundamentais para a realização dessa pesquisa.

As professoras Dra. Gleise Passos e Dra. Maria Amália pelo auxílio na produção desse trabalho, e ainda ao professor Msc. Dagoberto Oliveira pela contribuição durante a experiência no PIBID.

A todos os professores do curso de Educação Física pelas significativas contribuições em minha formação.

Aos meus irmãos da Comunidade Católica Shalom por me terem confiado incessantemente às suas orações. Obrigado por se fazerem família.

A Driely por ser apoio, carinho, amor e intercessão constante. Obrigado por se fazer presente, mesmo com a distância.

Aos meus amigos de turma, Viviane, Juliana, Luana, Wendell, Augusto, Elaine, Alessandra, Fabião e Josy, pela alegria, amizade e apoio durante esse tempo. Agradeço também aos demais amigos da UFS com que tive a oportunidade de conviver e trazer para minha vida.

Por fim a todos os meus amigos e familiares que torceram, rezaram e estiveram presentes em todo esse processo.

Muito obrigado a todos!

RESUMO

O objetivo deste estudo foi conhecer o estado de conhecimento dos docentes de Educação Física da Educação Básica a respeito da música como recurso didático e a importância do tema em suas práticas pedagógicas. Para isso, valemo-nos de uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo. Colaboraram com a pesquisa 30 professores das redes Pública e Particular de ensino básico da cidade de Aracaju-SE. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos um questionário com 16 questões fechadas, as quais estavam divididas em quatro blocos de perguntas. O primeiro bloco refere-se a perguntas com a finalidade de trazer informações preliminares quanto ao tempo e local de graduação, local de atuação, grau mais alto de formação. No segundo bloco, foi perguntado sobre a formação inicial dos professores e a proximidade com a música enquanto recurso didático. O terceiro bloco de perguntas traz questionamentos sobre a visão dos docentes quanto às dificuldades, às vantagens e desvantagens na utilização da música em suas aulas. O quarto e último bloco traz indagações em relação ao olhar do professor quanto à formação continuada como meio de aprofundar seus conhecimentos no tocante ao uso da música. Após análise e discussão dos dados foi possível ter como principais constatações: a) A disciplina de Didática nos cursos de formação inicial não apresenta com profundidade a música enquanto estratégia metodológica; b) A música está mais presente na atuação dos professores quando esses abordam conteúdos como dança, jogos e brincadeiras; c) A principal dificuldade no uso da música se apresentou como a falta de recursos materiais; d) Os professores, de forma geral, não veem desvantagens na utilização da música e reconhecem o aspecto motivador como a maior vantagem; e) Os professores acreditam que aspectos relacionados a recursos didáticos como a música deveriam ser mais trabalhados nos cursos de formação inicial e continuada.

Palavras-Chave: Educação Física Escolar, Componente Curricular, Música, Recurso Didático.

ABSTRACT

The objective of this study was to understand the level of knowledge of Physical Education teachers from Basic Education related to music as a didactic resource, as well as the importance of such theme in their pedagogical practices. For such, we conducted a qualitative research of a descriptive type. The participants were 30 teachers from Public and Private schools located in the city of Aracaju-SE. As an instrument for collecting data, we used a questionnaire with 16 closed questions, which were divided into four blocks of questions. The first block refers to questions that had the purpose of providing preliminary information regarding the following: length and place of their graduation; places they have been working as teachers, and their higher degree of education. In the second block, it was asked about the initial formation of teachers and their experience using music as a didactic resource. The third block raises questions about the teachers' views on the difficulties, advantages and disadvantages of using music in their classes. The fourth and last block brings inquiries regarding the teacher's views of continuous education as a means of deepening their knowledge related to the use of music. After the analysis and discussion about the data, it was possible to point out as the main findings: a) The subject Didactics that is offered at the initial level of teaching education does not present music in depth as a methodological strategy; b) Music is more present in the performance of teachers when they approach contents such as dance and games; c) The main difficulty presented as for the use of music was the lack of materials/resources; d) Teachers, in general, do not see disadvantages in the use of music and they recognize its motivating aspect as the greatest advantage; e) Teachers believe that aspects related to didactic resources such as music should be better approached in initial and continuous teaching training courses.

Keywords: School Physical Education, Curricular Component, Music, Didactic Resource.

LISTA DE SIGLAS

ALCT – Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais

PCNEM – Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Alunos em aula.....	29
Figura 2 – Alunos em apresentação de dança.	30
Gráfico 1 – Referente à idade dos participantes.	33
Gráfico 2 – Referente à rede de ensino que os professores atuam.	33
Gráfico 3 – Referente ao tempo de finalizada a graduação.	34
Gráfico 4 – Referente ao contato com a música durante a graduação.	37
Gráfico 5 – Referente à música nas disciplinas de Didática.	38
Gráfico 6 – Referente aos conteúdos que utilizou a música como recurso.	40
Gráfico 7 – Referente às dificuldades apresentadas na utilização da música.	41
Gráfico 8 – Referente às vantagens da utilização da música nas aulas.	43
Gráfico 9 – Referente às desvantagens da utilização da música nas aulas.	44
Gráfico 10 – Referente aos cursos de capacitação.	45
Gráfico 11 – Referente ao aprofundamento para a utilização da música.	47
Gráfico 12 – Referente ao trato da música na formação inicial e continuada.	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA	10
1.2 PROBLEMA	11
1.3 OBJETIVOS	11
1.3.1 Objetivo Geral	11
1.3.2 Objetivos Específicos	12
1.4 JUSTIFICATIVA	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E ÁREA DE LINGUAGENS	14
2.2 MÚSICA E EDUCAÇÃO	19
2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA E MÚSICA	27
3 METODOLOGIA	33
3.1 Abordagem e Tipo de Pesquisa	33
3.2 Sujeitos Colaboradores da Pesquisa	33
3.3 Instrumento de Coleta de Dados	35
3.3.1 Procedimentos	36
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
APÊNDICES	59

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

O presente trabalho tem por intenção trazer uma discussão a respeito da aproximação entre música, enquanto recurso metodológico, e as aulas de Educação Física. Som e movimento caminham juntos desde os primórdios da humanidade, visto que a música também se apresenta como uma linguagem, e pode ser meio e fim para educar um povo.

O envolvimento com essa temática se deu em um momento do meu processo formativo em que percebi as possibilidades do uso da música como um facilitador dentro das aulas de Educação Física. O fato de ser músico ajudou-me a refletir e a visualizar de diversas formas o uso dessa arte no processo de ensino-aprendizagem.

Ao observar o campo profissional e ao fazer reflexão de como aconteciam as aulas de Educação Física em minha infância/adolescência, pude reconhecer que poucos, ou inexistentes, são os momentos em que a música se apresenta dentro deste componente curricular bem como também é reduzida a gama de possibilidades de práticas corporais nas aulas.

Diante de uma nova configuração de Educação Física, marcada pela Lei de Diretrizes e Bases de 1996, os docentes necessitam reformular também seu conhecimento pedagógico e sua prática profissional. Santos et al. (2008) nos diz que:

O redirecionamento da Educação Física Escolar exige um novo pensar e um novo agir de seus professores, no intuito de dar sentido às práticas pedagógicas e às aprendizagens delas decorrentes. Tal atitude permite o surgimento de um novo olhar para este componente curricular, e possibilita, dentre outras coisas, sua valorização e consolidação pelo desenvolvimento de conteúdos que contribuem para o pleno desenvolvimento do sujeito (p. 6).

Tardif (2012) nos diz que ensinar é mobilizar vários saberes, transformando e configurando-os de novas maneiras, para que se tenha um ensino e uma aprendizagem mais eficiente. Esse novo agir, além da ampliação da diversidade de conteúdos, exige novas estratégias e recursos que auxiliem de forma efetiva no processo ensino-aprendizagem. Um recurso utilizado em várias áreas, por exemplo, é a música. Ela possibilita a mediação de forma lúdica e atrativa quando bem adequada ao conteúdo, e disponibiliza um leque de possibilidades de uso dentro da escola.

Essas questões me levaram a uma série de leituras, reflexões, investigações e a aplicações práticas as quais uniam a Educação Física e sua variada carta de especificidade, e a música. De forma mais objetiva, isso aconteceu com a atuação dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no âmbito da Universidade Federal de Sergipe, tendo como local de atuação o Colégio de Aplicação, dessa mesma Universidade.

A implantação de um programa de sistematização, o contato com a realidade escolar em suas várias faces, a percepção das necessidades do ensino e da aprendizagem em Educação Física, a utilização da música como recurso metodológico e o exercício de olhar o aluno em sua plenitude, proporcionado através da experiência dentro do programa federal entre os anos de 2014 e 2017, foram o ponta pé para o início desse trabalho.

Também pudemos experimentar nos diversos conteúdos aplicados junto com os alunos a música como uma estratégia de ensino que poderia abrir diversas outras oportunidades de eficazes de ensino-aprendizagem. Aulas de ritmo corporal, de expressão corporal, de esporte, de lutas, e tantas outras, foram campo para experimentar desse recurso. Esse foi um sinal que acendeu em nossa consciência para olhar com mais atenção esse recurso e nos estimulou a pesquisar.

A esse contexto exposto, nasceu a curiosidade investigativa que se expressa na seguinte indagação: “como os docentes de Educação Física escolar enxergam a música enquanto recurso metodológico para suas aulas?”. Detalhamos mais abaixo essa indagação juntamente com os objetivos gerais e específicos que norteiam esse estudo.

1.2 PROBLEMA

Qual a compreensão dos docentes de Educação Física no tocante uso do recurso didático “música” como estratégia metodológica e quais são os caminhos e propósitos que, aqueles que a usam, se valem?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Identificar o estado de conhecimento dos docentes de Educação Física que atuam no ensino fundamental das redes Pública e Particular de ensino de Aracaju a respeito da utilização da música como estratégia metodológica em suas aulas.

1.3.2 Objetivos Específicos

- a) Verificar o contato durante a formação inicial dos docentes com a música como estratégia metodológica;
- b) Identificar a presença do uso da música como recurso de aprendizagem nas aulas de Educação Física dos professores colaboradores da pesquisa.
- c) Compreender se o docente enxerga a formação continuada como meio/espço para ampliar conhecimentos sobre a música como recurso de aprendizado.

1.4 JUSTIFICATIVA

Há muito tempo também se fala sobre Educação Física como Componente Curricular, sobre atuação docente, sobre dificuldades e desafios no cotidiano da escola, mas pouco podemos visualizar de ações transformadoras no ambiente escolar. Desse modo, essa pesquisa agrega conhecimento à área ao verificar como os docentes estão percebendo e, de certo modo, lidando com questões práticas de sua atuação.

Conhecer ainda como os professores visualizam a utilização de recursos didáticos e como a aproximação deles via formação inicial e continuada agrega conhecimentos para sua atuação docente é também importante para estimular a pesquisa e a reflexão de novos modelos de formação, contribuindo tanto para aqueles que já estão no campo profissional como para aqueles que estão nos cursos de graduação.

No tocante a esse ponto de cursos de graduação, pudemos experimentar nessa fase, nos diversos conteúdos aplicados junto com os alunos durante os estágios e ações de pesquisa e extensão, a música como uma estratégia de ensino que poderia abrir diversas outras oportunidades de eficazes de ensino-aprendizagem. Aulas de ritmo corporal, de expressão corporal, de esporte, de lutas, e tantas outras, foram campo para experimentar desse recurso. Desse modo, esse estudo contribui também para auxiliar os processos formativos do docente ao passo que traz novos elementos para formar um profissional com uma base maior de habilidades a serem postas no campo da Educação Básica.

O presente trabalho está ainda estruturado em um primeiro capítulo no qual apresentamos os objetivos, o problema e relevância da pesquisa. Num segundo capítulo nos debruçamos numa revisão de literatura dividida em três seções: a primeira delas traz uma contextualização da Educação Física enquanto área de Linguagens; a segunda seção se detém a falar sobre a aproximação da Música e Educação; a última traz aproximações da Educação

Física e Música. A seguir trazemos um capítulo sobre a metodologia utilizada, onde falamos sobre os caminhos utilizados nessa investigação. Por fim trazemos os resultados e discussões dos dados obtidos, seguido de considerações finais deste trabalho.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo iremos dar embasamento teórico a nossa linha de pensamento norteando nossa pesquisa. Na primeira seção falaremos a respeito da Educação Física Escolar e sua nova configuração atual no campo das Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias. Na segunda seção traremos uma reflexão sobre a relação da Música com a Educação. Por último traremos alguns relatos e experiências da nossa prática docente em relação à Música e a Educação Física Escolar.

2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E ÁREA DE LINGUAGENS

Ao longo do tempo, a Educação Física escolar veio se transformando e modificando o seu papel em cada contexto. Foi passando de mera atividade complementar à componente curricular obrigatório. Entretanto, esse processo de transformação levou bastante tempo para acontecer, mas, na prática, não se concretizou (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009).

Por volta do século XIX e início do século XX, a Ginástica, primeiro nome da Educação Física, era proveniente dos movimentos europeus. Seus conteúdos estavam dispostos com base em exercícios militares, jogos, danças, esgrima, equitação, canto, entre outros, mas não foram pensados para a escola, sendo trazidos ao âmbito escolar por pedagogos e médicos (SOARES, 1996). O intuito era de desenvolver práticas que possibilitassem o desenvolvimento de corpos fortes, saudáveis e higiênicos.

Até esse momento a Educação Física estava consolidada dentro das escolas ocidentais sustentada ainda no conhecimento médico-biológico e orientada para a ideia principal de promoção da saúde, com um superficial pensamento de educação integral do homem ao desenvolver suas potencialidades a nível biológico (BRACHT, 2005. apud GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009).

A partir de 1940, começa a ganhar força o movimento esportivo, que tem como conteúdo predominante o treino esportivo e o jogo esportivo. Os aquecimentos aeróbicos antes de cada aula, os métodos de treinamento para aumentar capacidades e a prática de fundamentos de um esporte específico eram hegemônicos nas aulas de Educação Física. Segundo Soares (1996):

Esta situação da chamada Educação Física, pelo menos no Brasil, persiste até a década de 70 quando então, passamos a vivenciar uma situação inédita. A Educação Física perde sua especificidade. Talvez este seja um dos momentos mais ricos e mais contraditórios de sua história recente (p. 9).

Em 1970 começa a se firmar a Educação Física Psicomotricista em contraposição aos modelos anteriores. Esse foi o primeiro movimento mais organizado que surgiu a partir dessa década (DARIDO e RANGEL, 2005). Os objetivos eram o desenvolvimento psicomotor e a valorização dos aspectos cognitivos, ultrapassando a barreira do biológico e do esportivo predominante.

Seguindo a tendência, a década de 1980 foi, para a Educação Física, marcante no sentido em que desencadeou um intenso período de reflexão e crítica às abordagens teórico-metodológicas existentes – abordagens biologicista-funcional e técnico-esportiva, mecanicista, higienista e suas respectivas práticas pedagógicas, que dominaram o campo até então.

Esse movimento de 1980, chamado de “Renovador”, gerou uma crise de identidade pedagógica e acadêmico-conceitual da Educação Física (BRACHT, 1999). As novas abordagens, chamadas de Críticas, surgiram e ganharam força ao passo que iam mostrando várias deficiências das concepções anteriores ao corresponder às novas necessidades educativas que surgiam na época. Era uma nova necessidade sócio-política que caía principalmente sobre a Educação Física escolar e que exigia uma transformação dos modelos e métodos a serem desenvolvidos no âmbito educacional.

Após muitos anos de debate, no ano de 1996, a partir do Decreto de Lei 9.394/96, uma nova diretriz foi dada a Educação Brasileira e, conseqüentemente, à Educação Física. Novos rumos são traçados a partir dessa Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e, posteriormente, aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), em 1997. (RIO GRANDE DO SUL, 2009).

Com a LDB de 1996, a Educação Física é integrada ao corpo construtor da escola, passando de atividade escolar para componente curricular. Segundo Silva e Santos (2010):

O desafio para a Educação Física nesse momento é, então, seguir como prática educativa, devendo ir ao encontro dos objetivos definidos em cada proposta pedagógica sem perder a especificidade da área. Junto com os demais componentes curriculares a Educação Física está definida, na Educação básica, como portadora de um conhecimento capaz de fazer alunos de diferentes sexos, faixas etárias, religiões e etnias, viverem a sua cidadania de maneira autônoma (p. 3).

Há algo importante que a Educação Física no ambiente escolar deveria se debruçar, indo além do desempenho e da aprendizagem de gestos. Existia algo de valioso atribuído à Educação Física. É nesta ideia que, segundo Betti e Zuliani (2002), ela também

Deve assumir então uma outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida (p. 75).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM), (BRASIL, 2000), vem complementar a LDB e é um importante orientador para os currículos, ao passo que auxilia na reestruturação e no direcionamento de um novo rumo para a Educação Básica Brasileira. Ele delimita três grandes áreas do conhecimento: Ciências Naturais, Matemática e suas Tecnologias; Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias. A Educação Física é alocada dentro da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

Os PCNEM (2000) trazem a ideia de corpo que ainda era pouco difundida pelos profissionais da época. Um corpo que traz uma história, que traz uma intencionalidade, que traz uma linguagem.

É com o corpo que somos capazes de ver, ouvir, falar, perceber e sentir as coisas. O relacionamento com a vida e com outros corpos dá-se pela comunicação e pela linguagem que o corpo é e possui. Essa é a nossa existência, na qual temos consciência do eu no tempo e no espaço. O corpo, ao expressar seu caráter sensível, torna-se veículo e meio de comunicação (BRASIL, 2000, p. 38).

A LDB de 1996 e os PCNEM de 2000 atribuem então à Educação Física a responsabilidade levar os estudantes a conhecer, experimentar e apreciar diversas práticas corporais sistematizadas, levando-os a compreendê-las como produções culturais dinâmicas e diversas que contem grande valor na sociedade e com grande importância para sua formação enquanto homem (GONZÁLEZ; FESTERNSEIFER, 2009). Esses mesmos Parâmetros nos dizem ainda que:

Sendo o corpo, ao mesmo tempo, modo e meio de integração do indivíduo na realidade do mundo, ele é necessariamente carregado de significado. Sempre soubemos que as posturas, as atitudes, os gestos e sobretudo o olhar exprimem melhor do que as palavras as tendências bem como as emoções e os sentimentos da pessoa que vive numa determinada situação, num determinado contexto (BRASIL, 2000, p. 38).

É a partir do corpo que somos capazes de ver, ouvir, tocar, falar, perceber, sentir aquilo que está em nossa volta. É a partir do corpo, então, que estabelecemos comunicação entre o “eu”, o “tu” e o “nós”. O corpo, ao expressar seu caráter sensitivo, de emissão e recepção,

torna-se veículo e fim de comunicação. A consciência do “eu” no tempo e no espaço nos dá condições para estabelecer um sistema de interações e reações bem equilibradas. (BRASIL, 2000)

A principal razão da linguagem é a produção de sentido. Esses documentos citados anteriormente preconizam que a linguagem seja desenvolvida na escola como constituidora de significados, de sentidos, conhecimentos e valores, não apenas como representação, expressão ou comunicação. É desse modo que os alunos vão conhecer, entender e usar as diferentes formas de linguagens em suas diversas situações e contextos. Para nós, aqui, falamos do corpo enquanto expressão total do ser.

A fim de aprofundar aquilo que já fora falado nos PNCEM de 2000, o Governo Federal lançou em 2002 o documento Parâmetros Nacionais Curricular Mais, Ensino Médio – Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Isso se deu ao fato de haver ainda poucos estudos que façam a relação entre Educação Física e a temática linguagem. As poucas linhas apresentadas nos documentos legais e os poucos estudos feitos não foram suficientes para dar uma base de trabalho para os docentes (LADEIRA; DARIDO; RUFINO, 2013).

Mais recentemente, no ano de 2015, por iniciativa do Governo Federal, surge a primeira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Após dois anos de consultas públicas, debates intensos e reformulações, foi publicada em 2017 a terceira e última versão da Base. A Base Nacional é um documento normativo que define um conjunto de aprendizagens essenciais a serem trabalhadas nas diversas etapas da Educação Básica. Ela estabelece uma série de conhecimentos, competências e habilidades que se espera que os alunos desenvolvam ao longo da Educação Básica. (BRASIL, 2017)

Segundo a BNCC (2017),

A área de Linguagens, no Ensino Fundamental, está centrada no conhecimento, na compreensão, na exploração, na análise e na utilização das diferentes linguagens (visuais, sonoras, verbais, corporais), visando estabelecer um repertório diversificado sobre as práticas de linguagem e desenvolver o senso estético e a comunicação com o uso das tecnologias digitais. No Ensino Médio, o foco da área de Linguagens e suas Tecnologias está na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações; na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais e no uso criativo das diversas mídias (BRASIL, 2017, p. 470).

Santos, Marcon e Trentin (2012), se referindo à Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (ALCT), vêm nos iluminar quando dizem que:

Diante dessas proposições da legislação, a presença da Educação Física na ALCT se explicaria pelo uso da linguagem corporal – que estimula a comunicação em distintas culturas e contextos – como elemento central no processo de interação dos alunos com a cultura corporal de movimento. Como forma de participação e interação social, a linguagem corporal propicia ao indivíduo o reconhecimento do outro e de si mesmo (p. 572).

As aulas de Educação Física na escola precisam então estar preenchidas de movimentos de maneira contextualizada, com sentido, de modo que propicie ao aluno a possibilidade de interagir consigo mesmo, com o outro e com a cultura, por meio da linguagem. Desse modo eles podem ter a oportunidade de compreender aquilo que fazem e o significado daquilo para o contexto em que ele está inserido. O corpo seria esse meio da linguagem para percepção do mundo.

A Educação Física, ao intervir sobre o corpo e o movimento, deve estar atenta para os aspectos da saúde, do bem-estar, do desenvolvimento das capacidades motoras e orgânicas, mas deve ampliar o seu campo de referências para a questão ética e estética do movimento, a beleza e harmonia dos gestos, sua relação com a identidade do ser humano e a relação com a cultura, possibilitando ampliar a percepção de si mesmo, do outro e do mundo, contribuindo para o redimensionamento do ser humano e da vida no planeta, tendo como referência básica a corporeidade (NÓBREGA, 2009, p. 92-93).

A linguagem corporal se mostra como um fator importante numa educação integral do aluno. É então diante dessas características que se justifica a introdução da Educação Física na área de Linguagens juntamente como a Língua Portuguesa, Literatura, Informática, Artes e Língua Estrangeira Moderna.

Ao entendermos que essa nova configuração de Educação Física escolar a coloca num patamar de igualdade com as outras disciplinas, também faz com que ela assuma um desafio semelhante no tocante ao *quê* e ao *como* ensinar. Ela pede uma nova presença e um novo perfil didático-pedagógico. Esse perfil docente, não mais de treinador ou de instrutor, precisa desenvolver novas habilidades, expandido seu leque de metodologias e também de temáticas abordadas.

Essas habilidades docentes pedem não somente o domínio de o *quê* ensinar, mas também exige habilidades necessárias para pedagogizar os conteúdos e de como esse são

colocados para os alunos, objetivando a aprendizagem. Logo, as estratégias e as dimensões pedagógicas e metodológicas serão e são novos objetos de esforços e estudos para o exercício da docência na Educação Física. Daí a nossa preocupação em pensar novas estratégias metodológicas usadas pelos professores, dentre elas a música.

Na próxima seção iremos trazer reflexões e experiências práticas entre música e a educação, mostrando como elas caminharam e caminham juntas nos processos formativos. Ainda esboçaremos de forma breve como esse é um conhecimento importante para atuação profissional.

Ao compreendemos essa nova configuração da Educação Física Escolar, se faz necessários entendermos que o nosso corpo produz uma linguagem, expressa sentimentos, intencionalidades.

2.2 MÚSICA E EDUCAÇÃO

Desde que o homem se descobriu um ser pensante, necessitou expressar verbal e corporalmente aquilo que sentia e pensava. Assim ele foi criando linguagens e códigos para estabelecer uma comunicação com aqueles que lhe eram semelhantes. Nesse processo surge, também como expressão de linguagem, a produção de sons ritmados e melódicos que expressavam a alegria, o ódio, o medo diante dos contextos que o ser humano se encontrava.

A importância da música para o ser humano seja como expressão das emoções ou corporeidade, como disciplina curricular, ou como recurso pedagógico remete então ao início das civilizações humanas.

Segundo Loureiro (2001):

A palavra música vem do grego – “Mousikê” – e designava, juntamente com a poesia e a dança, a “Arte das Musas”. O ritmo, denominador comum das três artes, fundia-as numa só. Como nas demais civilizações antigas, os gregos atribuíam aos deuses sua música, definida como uma criação e expressão integral do espírito, um meio de alcançar a perfeição.

Os gregos da antiguidade eram amantes da arte musical e a transformaram como maneira de pensar e ser. Eles acreditavam que ela era uma base na formação do caráter e da virtude dos cidadãos, capaz de ensinar e civilizar. Desde essa época eles já traziam uma ideia, por exemplo, de união entre música e movimento corporal, a “mousike” e a “gymnastike”.

Ora, não é como dissemos, uma mistura de música e de ginástica que harmonizará essas partes, uma, fortalecendo-a e alimentando-a com belos discursos e ciência, outra, abrandando-a com boas palavras, domesticando-a pela harmonia e pelo ritmo? (PLATÃO, 2009, 138 apud JARDIM, 2015, p. 16).

Loureiro (2001) cita que para os gregos a educação era tida como uma relação harmoniosa entre corpo e mente objetivando um sadio exercício na polis grega, ou seja, na sociedade daquela época. Buscavam agregar não só o conhecimento técnico, mas a experiência de cada um, os valores e os costumes. Neste período, e depois por muitos séculos, a música era considerada não somente como meio, mas como fonte de sabedoria e conhecimento.

Ultrapassando toda uma dimensão histórica, da qual esse estudo não tem por objetivo se debruçar, e passando para uma realidade mais brasileira, podemos perceber que a música como meio e como objeto de ensino chegou aqui desde o período colonial. Os Jesuítas católicos que aqui chegaram utilizavam a música e as artes no processo de catequização dos índios, já que a comunicação verbalizada era mais difícil.

Entre os recursos utilizados destaca-se a música, em função da forte ligação dos indígenas com essa manifestação artística. Eram eles músicos natos que, em harmonia com a natureza, cantavam e dançavam em louvor aos deuses, durante a caça e a pesca, em comemoração a nascimento, casamento, morte, ou festejando vitórias alcançadas (LOUREIRO, 2001, p. 44).

Através desse breve relato histórico reconhecemos que a música se apresenta, desde tempos antigos, com uma afinidade com a educação. Ela é uma linguagem universal, sendo conhecida, experimentada e passada mesmo quando não se tem total domínio de sua letra, sentido ou função.

Ao trazermos a música e a educação para o contexto mais recente da sociedade brasileira, identificamos como a música esteve muito presente em determinados momentos e muito ausente em outros momentos. Alternou-se entre área do conhecimento, objeto de ensino e prática lúdica nos processos de aprendizagem de outros conteúdos (JARDIM, 2015).

Após LDB de 1996 a música retorna como status de componente curricular dentro da disciplina Artes, juntamente com a dança, o teatro e artes visuais. Entretanto, não deixa também de ser utilizada como meio de aprendizagem, ou seja, como recurso facilitador de aprendizagem de outros componentes curriculares. No presente estudo não faremos a discussão da música enquanto componente curricular, mas como recurso didático para as diversas áreas de ensino e, em especial, para a Educação Física.

Segundo Souza (2007), os recursos didáticos são aqueles materiais utilizados pelo professor que auxiliam esse processo. Ele deve servir como meio que motive, gere adesão ou facilite a compreensão do conteúdo proposto. Esses recursos vão desde o quadro de giz até o projetor, do apito até a bola de futebol. Quando bem usados, são de fundamental importância no processo de assimilação e desenvolvimento cognitivo, ao passo que aproxima o aluno do conteúdo ministrado, facilitando assim uma efetiva incorporação do conteúdo.

Muitos são os recursos que podem ser utilizados na Educação. A utilização depende do conteúdo proposto, da visão e domínio do professor a cerca dele, da finalidade da sua utilização, da disponibilidade do recurso, da aceitabilidade dos alunos e do contexto em que ele é posto. Bolas, livros didáticos, diários de sala, música, projetores estão entre as possibilidades. A diversificação da utilização desses recursos auxilia também na colocação da aprendizagem como figura central do processo educativo, na qual figura por vezes o professor, numa pedagogia chamada tradicional, ou por outras vezes figura o aluno, numa pedagogia chamada moderna (NÓVOA, 2006).

Diversas áreas utilizam a música como recurso didático em suas aulas com o objetivo de transformar o conteúdo principal mais atrativo, além de contribuir para uma assimilação mais lúdica, envolvendo o ser humano em outras dimensões além do campo intelectual.

A plasticidade de usabilidade da música enquanto linguagem permite que variados elementos sejam utilizados em todas as disciplinas escolares. As letras para análise de construção e contexto histórico, o ritmo ligado à movimentação do corpo, a melodia para acalmar, motivar, tornar uma aula mais lúdica se apresentam como possibilidades de uso.

Ela vem carregada de elementos técnicos, mas também de uma cultura, de uma prática social, de valores, de sentidos e significados. Enquanto linguagem ela se torna meio e fim para o conhecimento. Desse modo ela contribui para uma aprendizagem integral do aluno, ao passo que auxilia na compreensão de conteúdos e, ao mesmo tempo, também ensina por si mesma.

“no tocante à música na sociedade moderna – ou melhor, no tocante à educação pela música, a mais importante implicação desta tese é a tarefa de despertar, na mente dos jovens, a consciência da interdependência de sentimento e racionalidade, de tecnologia e estética. No fundo, isto significa desenvolver a capacidade do ser humano para um raciocínio globalizante e integrador.” (KOELLREUTTER, 1998, p. 41 apud LOUREIRO, 2001, p. 114)

A música é reconhecida como um importante instrumento no processo ensino-aprendizado em todas as fases e etapas de ensino. Correia (2010) cita que ela, bem como a

utilização de outros meios artísticos, incentiva à participação, a cooperação, a sociabilização, promove a dinamização e torna mais lúdico o conteúdo proposto. Ela ainda pode estimular a criatividade, auxiliar nos processos de expressão corporal e de ideias e estreitar os laços sociais.

A música ainda age em aspectos psicofísicos auxiliando no rendimento físico, relaxamento, diminuindo tensões, auxiliando na manutenção da saúde mental (BRAGA, 1994). Del Valle e Costa (1970 apud Natividade et al., 2005) ainda mencionam que a música pode agir no metabolismo, alterar os processos cardiorrespiratórios, interferir nos processos sensoriais das redes neurológicas.

Mas de onde vem essa potência que torna a música como um instrumento eficaz no auxílio da aprendizagem? A Neurociência pode vir nos ajudar a clarear um pouco essa questão. Segundo os estudos dessa área, a aprendizagem pode ocorrer de variadas formas, das quais citamos, por exemplo, quando se tem diversas entradas de informações para o nosso cérebro, quando há uma estimulação de múltiplas áreas desse órgão, quando se envolvem questões emocionais ou afetivas.

A Neurociência ainda traz a ideia de aprendizagem significativa, a qual pressupõe a organização de esquemas cognitivos de forma hierárquica, onde novos conhecimentos são integrados aos conhecimentos prévios do indivíduo (MEDEIROS e BEZERRA, 2013). Esses conhecimentos funcionam como uma espécie de âncora onde os novos conhecimentos se conectam, facilitando uma assimilação maior e mais fácil.

O conhecimento significativo é, por definição, o produto de um processo psicológico cognitivo (“saber”) que envolve a interação entre novas ideias logicamente e culturalmente compatíveis ou compatibilizáveis, com as ideias anteriores já ancoradas na estrutura cognitiva particular do aprendiz. É por demais relevante saber que nesse processo de produção do conhecimento significativo a própria estrutura cognitiva do indivíduo também se modifica ampliando-se, diversificando-se, intensificando seu potencial tornando-se assim cada vez mais capaz de processar novas informações, ideias e dados e ancorar os resultados desse processamento num continuum aparentemente ilimitado (MEDEIROS e BEZERRA, 2013, p. 184).

Em contraponto, a aprendizagem chamada “mecânica” pela Neurociência, se apresenta como aquela em que também se apresenta algo novo, porém ele não se relaciona com qualquer informação previamente instalada no sistema cognitivo. Tal fato favorece um esquecimento, pois é armazenado de forma arbitrária pelo cérebro, ao passo que também despende de um grande esforço do indivíduo para assimilar o conteúdo.

Sabendo-se que a música está, desde antes mesmo do nascimento, presente no cotidiano do ser humano, ainda que de forma não intencional ou despercebida, ela se enquadra nesse “conhecimento prévio” que possibilita aos novos conhecimentos um lugar de ancoragem.

Tarricone (2015), ao falar sobre as conclusões existentes na revisão de literatura relacionada à música e a neurociência, nos traz, de forma mais técnica, que os feitos da música:

contribuem para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores do educando, como a atenção, a memória, a percepção, a inteligência, as habilidades linguísticas, psicomotoras, auditivas e lógico-matemáticas, cognitivas, sensoriais, intelectuais e emocionais (...) e atestam um aprimoramento significativo do processo de ensino-aprendizagem (TARRICONE, 2015, p. 107).

Compreende-se assim que a música, diante de uma aprendizagem significativa, apresenta-se como otimizador no processo de aquisição de conhecimentos. Ela trabalha com múltiplas áreas do cérebro e possibilita uma ampla e distinta gama de efeitos emocionais, fisiológicos e cognitivos.

A contribuição da Neurociência no entendimento dos processos de aprendizagem possibilita que docentes possam utilizar de diversas fontes de conhecimentos no desenvolvimento da sua prática de ensino. Uma metodologia de ensino que utiliza recursos de forma adequada e transformadora possibilita um relevante subsídio para o processo ensino-aprendizagem.

Tendo em vista todos esses aspectos, os docentes das diferentes áreas do conhecimento podem se questionar sobre a falta de experiência com a linguagem musical ou justificar-se no não saber tocar um instrumento, por exemplo. A esse ponto é necessário ter em mente que não é preciso ter um domínio completo teórico-prático de um instrumento ou de canto. A criatividade unida a um bom planejamento, com os objetivos de aprendizagem bem definidos e sabendo de onde vai para onde se quer chegar pode ser o suficiente para passos iniciais.

De certo, há uma série de elementos constitutivos da música como ritmo, melodia, compasso, harmonia, dentre outros, que seriam interessantes para o conhecimento durante a formação inicial ou continua do docente (BRAGA, 2002). Entretanto não podemos limitar a sua utilização apenas a partir do domínio técnico, tendo em vista que todos nós temos certa aproximação com a música desde a fase inicial da vida.

É preciso retomar a dimensão da música como um conhecimento acessível às pessoas comuns. Todos nós somos seres musicais por natureza, assim como seres linguísticos, matemáticos, corporais, históricos, etc. A música deve ser contemplada pela escola porque é uma linguagem própria do homem e não apenas do músico (GRANJA, 2010, p. 105 apud JARDIM, 2015, p. 38).

É tendo esse entendimento que muitos docentes recorrem à música como instrumento didático para as suas aulas como meio de auxiliar no processo ensino-aprendizagem. Esse processo tem como figura principal a aprendizagem.

A Educação Infantil mostra-se, ao longo das nossas leituras, que é a que utiliza de forma mais constante esse recurso. Sousa et al. (2012) traz em seu estudo dados sobre a literatura e sobre o campo prático de como os professores dos anos iniciais vem utilizando esse recurso. Eles concluem que os professores da Educação Infantil utilizam com certa frequência e facilidade esse recurso, apontando o seu aspecto lúdico como maior adjetivo.

Dentre os aspectos mais mencionados na literatura referente à Educação Infantil, estão a sensibilização, expressão corporal e emocional que a música proporciona nas crianças. Além disso, observa-se também o auxílio no desenvolvimento motor da criança, na organização das atividades recreativas, e muitas outros.

A música tem mais êxito com crianças, pois elas estão numa fase em que sua dimensão lúdica é dominante da sua cognição. Sensações, afetos, percepções, escuta, linguagem não verbal e baixa capacidade oral são pontos em que a música alcança com mais força às crianças. (ANDRADE, 2012)

Outras áreas da Educação Básica também se utilizam da música como recurso didático em suas aulas em todo o Ensino Fundamental e Médio. Matemática, Biologia, Geografia, História, Literatura, são alguns dos componentes curriculares que mostram experiências também com esse recurso.

Gabaldi (2009), por exemplo, utilizou a música juntamente com um programa de edição de vídeos para trabalhar com os alunos os aspectos geográficos e sociais presentes no local de moradia deles, além de temas transversais. A atividade se dava em, após fazer uma análise da letra e seu contexto, trazer fotografias e relatos trabalhados durante as aulas e fazer uma exposição apresentando os temas determinados.

Com o uso da música nas atividades em sala de aula, e produção de Movie Make, observou-se que houve um maior interesse dos alunos em relação a aula, ao tema abordado, a produção e a pesquisa. Constatou-se também uma mudança positiva na questão disciplinar, pois a atividade de produção,

utilizando-se do recurso da informática, além de despertar muito interesse nos jovens e adolescentes, fez com que alguns alunos, sem recursos, tivessem uma possibilidade de acesso a ela e a internet (GABALDI, 2009, p. 11).

Além disso, a autora mencionada anteriormente afirma que foi possível observar uma maior participação na aula e com essa metodologia foi possível contribuir de forma significativa para a aprendizagem dos alunos ao passo que eles foram colocados como agentes ativos nesse processo.

Ribas e Guimarães (2014) nos traz o relato da utilização da música para além de uma linguagem científica ao extrair das letras muitos conteúdos a serem problematizados durante as aulas de biologia. Eles verificaram que essa metodologia possibilita aos alunos uma maior participação, uma maior atenção e um maior interesse nas aulas.

No ensino de Ciências, com alunos do 5º ano de uma escola pública, Silva e Oliveira (2009) trataram da temática de ecologia utilizando da música Xote Ecológico, de Luiz Gonzaga. Eles trouxeram a sensibilização e o olhar crítico da situação ambiental das diferentes regiões do país através da leitura de uma audição para além da melodia. Eles concluem que a utilização da música despertou o interesse e a participação dos alunos em todas as atividades propostas. Além disso, foi possível verificar que eles conseguiram ampliar a compreensão de aspectos ecológicos da relação entre seres humanos e meio ambiente.

No ensino de Química também temos relatos. Torres (2017) trabalhou ligações químicas com alunos do 1º ano do ensino médio através de paródias, objetivando potencializar a aprendizagem significativa. Ele conclui que os resultados evidenciam que a utilização desse recurso favoreceu o processo ensino-aprendizagem, sendo que esse recurso foi visto como uma alternativa pelos alunos para facilitar a aprendizagem.

Brito e Sousa (2017), buscando resolver problemas de falta de interesse por leitura, fizeram um levantamento bibliográfico e trazem resultados da sua prática docente do componente Literatura. Foi utilizada a comparação de escolas literárias com músicas do cotidiano dos alunos. Os autores tiveram como resultado uma maior motivação, um maior interesse e conseguiram inserir de forma satisfatória os alunos no conteúdo trabalhado.

Esses breves relatos nos mostram como diversas áreas estão buscando novos métodos, novas práticas para melhor aproximar os alunos do conhecimento. Os efeitos relatados acima nos mostram que a música tem uma afinidade importante com a educação e pode auxiliar os docentes numa aprendizagem significativa.

Ao mencionarmos essa dimensão mais técnica da profissão docente podemos ter um entendimento inicial de que ela poderia ser universal ou como uma “receita de bolo”. Olhando de outro modo podemos visualizar a utilização de métodos e técnicas como um saber importante na prática docente.

Muitos são os saberes que o docente traz consigo para a sua prática profissional. Esses saberes, segundo Nóvoa (2006) e Tardif (2012) são estabelecidos com tudo aquilo que eles trazem em sua história pessoal, em sua formação inicial, em sua prática profissional e com uma formação contínua de aprendizado e reformulação didático-pedagógica. São tidos como elementos constitutivos da prática docente.

Os saberes profissionais são definidos como os saberes transmitidos pelas instituições de ensino na formação inicial e continuada, os saberes disciplinares são aqueles saberes organizados pelos diferentes campos do conhecimento, os saberes curriculares são relacionados à aprendizagem e aplicação dos conteúdos propostos e os saberes experienciais são saberes obtidos na vivência dos professores no exercício de seu trabalho (JARDIM, 2015, p. 60).

É o conhecimento desses elementos constitutivos que permite que os professores exerçam com muito mais competência a sua profissão. Dentro desse processo de ensino-aprendizagem, o professor deve ser aquele que tem variadas competências para conseguir aproximar os alunos do conhecimento, reconhecendo que os três (professor, conhecimento e aluno) estão dentro de um contexto, dentro de uma história, dentro de particularidades.

Conhecimentos, habilidades e atitudes necessários para garantir as tarefas e os papéis de professor. Essas competências são de ordem cognitiva, afetiva, conativa e prática. São também duplas: de ordem técnica e didática na preparação dos conteúdos e de ordem relacional, pedagógica e social, na adaptação às interações em sala de aula (PERRENOUD et al., 2001, p. 28 apud SANTOS, 2016).

O docente apreende essas competências tanto com sua prática no âmbito real, ou seja, através da sua experiência profissional no contexto da escola, como foi o nosso caso, como também a partir daquilo que ele acessou de conhecimento durante sua formação. Ao fazer a relação entre esses dois pontos, experiência profissional e formação, o professor se mostra capaz de resolver problemas de ordem técnica quanto de ordem social na sua atuação. O “teórico” e o “prático” andam juntos numa nova ideia de professor/docente.

Levando em conta o papel da música enquanto recurso didático e enquanto saber curricular (JARDIM, 2015), que é utilizado em diferentes áreas de ensino, mostraremos na

próxima seção como a Educação Física se aproxima da música e como trabalhamos essa questão em nossa experiência no PIBID.

2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA E MÚSICA

Durante nossa trajetória no curso de Educação Física pudemos perceber algumas lacunas em relação à nossa formação. Uma dessas é o já conhecido e mencionado “o que ensinar?”, “como ensinar?”. Através do PIBID pudemos de fato adentrar no cotidiano da escola e perceber muitas realidades que a nós, discentes do curso, não nos foram apresentadas. Outras muitas nos foram apresentadas e não eram usuais, ou não sabíamos como usá-las no âmbito escolar. Diversas outras aprendemos no dia a dia da experiência docente.

Diante disso, se faz necessário começar essa seção tendo um primeiro entendimento sobre Modelo Hegemônico de Formação (RAMALHO; NUÑEZ; GAUTHIER, 2004), no qual se apresenta como um processo formativo fundamentado no racionalismo técnico, no domínio de habilidades e de conceitos distantes da escola. Esse modelo formativo coloca o professor como alguém que é reproduzidor de técnicas dos conteúdos produzido pelos pesquisadores de diferentes áreas, sem criatividade ou autonomia, muitas vezes distante da realidade. Esse modelo não é mais apropriado.

O segundo entendimento é que o conhecimento não deve ser em um modo de transmissão de conteúdos de alguém que sabe muito para alguém que não sabe nada, como era na pedagogia chamada tradicional. Não se apresenta como uma mera intervenção técnica centrada no conteúdo, mas numa ação planejada, intencional, refletida e analisada para proporcionar uma aprendizagem eficiente. Nóvoa (2006) nos fala que a escola e a ação educativa não pode colocar no centro das suas ações nem o conhecimento, defendida pela pedagogia tradicional, nem os alunos, como acontece na pedagogia moderna, mas colocar como centro a aprendizagem.

Essa aprendizagem implica uma pessoa inteira e coloca num mesmo ambiente um aluno que traz muitas realidades consigo, um conhecimento amplo e com imensas possibilidades, e um professor/docente e sua formação pessoal, profissional, afetiva. A escola e o docente devem estar focados na aprendizagem do aluno. É importante que exista um equilíbrio entre a importância do conhecimento, da aprendizagem, do professor e do aluno nessa relação. Para que haja aprendizagem é necessário que haja um professor e

conhecimentos, dos quais se debruça, e, também, que existam alunos para acessarem esses conhecimentos.

Dito isto, relacionando à ideia de uma Educação Física escolar voltada para a área de linguagens, que necessita de um profissional que tenha novos saberes e novas práticas, percebemos que a música, para além de uma técnica pedagógica, se mostra como uma aliada importante visto que ela também é uma forma de linguagem e é utilizada há muito tempo nos processos formativos.

Para além dos já conhecidos bola, redes, arcos, cordas, cones, a música se apresenta como um recurso didático interessante e diverso. Não falamos aqui do ensino da música, mas da utilização dela como recurso para auxiliar, por exemplo, no aprendizado de habilidades motoras ou para conduzir a turma a um objetivo de aprendizagem. Também não falamos da música colocada em todas as aulas e momentos, mas em circunstâncias avaliadas pelo professor.

Ao mencionar a música dentro da aprendizagem utilizamos vários termos de aplicação que, de certo modo, se aproximam e tem limites muito próximos. Temos o entendimento de que há diferença entre recurso didático, estratégia metodológica, recurso metodológico, estratégia de ensino, entretanto consideramos ser apropriada a indagação sobre quando ela é um ou outro dentro do processo de ensino-aprendizagem.

Em sua pesquisa, fazendo buscas em seis periódicos da área de Educação Física, Da Silva e Zoboli (2015), objetivando encontrar estudos a cerca da Música e Educação Física ou Música e Corpo, encontraram poucas produções relacionadas a essas temáticas. Eles relatam que a música na Educação Física sempre apareceu atrelada diretamente à esfera da dança e ginástica, e com uma afinidade com os jogos, as brincadeiras e o canto.

Em seu relato de experiência do projeto desenvolvido com 345 alunos em uma escola Estadual no Pará, Nascimento (2018), utilizou a música e a dança para, além da prática corporal, que é bastante importante, abordar questões como sexualidade e gênero. Em sua análise final ela destacou que os alunos conseguiram reduzir a associação da dança com a efeminação e a homossexualidade, um paradigma muito forte na sociedade atual e nos ambientes escolares.

Observando relatos como esse, vemos que a música é um instrumento relevante visto que também a música lida fundamentalmente com o corpo, com o corpo em movimento. É no corpo que a música também se faz presente como expressão da linguagem humana. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) nos dizem que:

Todas as linguagens trabalhadas pela escola, portanto, são por natureza “interdisciplinares” com as demais áreas do currículo: é pela linguagem – verbal, visual, sonora, matemática, corporal ou outra – que os conteúdos curriculares se constituem em conhecimentos, isto é, significados que, ao serem formalizados por alguma linguagem, tornam-se conscientes de si mesmos e deliberados (BRASIL, 2000, p. 77).

Em nossas experiências durante o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na Universidade Federal de Sergipe, pudemos também experimentar a utilização da música enquanto linguagem e enquanto recurso em diversas oportunidades como meio de desenvolver habilidades, facilitar a condução em direção a um objetivo, no ensino de atividades rítmico-expressivas.

Em uma turma com trinta alunos de 7º ano do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, no ano de 2015, durante as atuações do PIBID, pudemos nos colocar dentro de um processo de ensino-aprendizagem através da música. Dentro da unidade intitulada Práticas Corporais de Movimento, trabalhando percussão corporal durante seis aulas seguidas, pudemos tocar concretamente no uso da música como recurso. Em aulas anteriores dessa mesma unidade já havíamos aprofundado em práticas e reflexões a respeito das diferentes formas que o corpo de expressa e se movimenta.

Aspectos como ritmo, percussão com as partes do corpo, sincronia e melodia estiveram presentes durante essas aulas. Usamos também o “The Cup Song”, que em tradução livre significa “A Música do Copo”, pois era algo contemporâneo à época e presente na cultura adolescente. Tais aulas objetivaram experimentar e refletir sobre a ideia de que o corpo tem um ritmo na respiração, no batimento cardíaco, no caminhar, no falar, e que através do nosso corpo, que se expressa a todo instante, era possível também criar música.



Figura 1 – Alunos em aula.

Fonte: Acervo do Projeto.

Pudemos perceber também como, de forma indireta, os alunos aprenderam outros fundamentos com as aulas nesse modelo. Coletividade foi um dos principais, ao passo que eles tinham que se organizar em grupos para desenvolverem harmonicamente aquilo que eles haviam aprendido, construído e queriam expressar. Aceitação dos limites do outro, desinibição e liderança foram também observados.

Em outra experiência no ano seguinte, nessa mesma escola, com alunos 2º ano do Ensino Médio, utilizamos a música juntamente com um conteúdo em que frequentemente ela é relacionada: a dança. Em uma ação conjunta entre todos os professores da escola, os alunos de todas as séries estudariam durante toda unidade as diversas expressões de dança. Danças folclóricas, danças de rua e danças de salão foram divididas entre as turmas objetivando não apenas praticar, mas conhecer e entender o significado cultural de cada uma.

Alternando-se em uma mesma aula de Educação Física a prática e a reflexões a cerca de cada dança, foi sendo construída uma coreografia que seria apresentada num grande festival cultural que movimentou toda a escola. A música e a dança foram sendo utilizadas como meios para a prática e para o conhecimento de outras culturas das quais os alunos tinham pouco conhecimento.



Figura 2 – Alunos em apresentação de dança.

Fonte: Acervo do Projeto.

Foi com o entendimento de que a dança e a música na escola não deveriam ter a intenção de formar profissionais, bailarinos, e sim de levar a um contato mais íntimo, seja através da prática ou da reflexão, das várias formas de se expressar com o movimento e o seu sentido e contexto cultural, que essa unidade foi desenvolvida em conjunto com todos os outros professores da escola.

No contexto escolar a Música tem a finalidade de ampliar e facilitar a aprendizagem do educando. Ela ensina o indivíduo a ouvir e a escutar de maneira ativa e reflexiva, e quando aliada às práticas corporais se torna ferramenta pedagógica útil, estimulando e motivando a criação e a vivência de novos movimentos corporais (BRAGA; OLIVEIRA, 2009, p. 42).

É nesse sentido amplo que Natividade et al. (2005), vem falar de vários outros aspectos em que a música auxilia no processo ensino-aprendizagem, contribuindo para que os alunos aprendam com mais facilidade, ao passo que utiliza elementos do seu cotidiano de forma lúdica aumentando a eficiência do seu aprender.

A música contribui para introduzir um novo conteúdo, favorecer o desenvolvimento de uma pesquisa, trabalhar a criatividade, o ato de ouvir para completar interpretação e reflexão do que ouve, oral ou escrito, a independência, a autonomia, a crítica a avaliação do trabalho alheio, ao enriquecimento do vocabulário, rima, problemas sociais, fatos históricos, valores, temas transversais. Além disso, acredita-se que a música funcione como agente socializador e ainda, mais importante, transmitindo a cultura inter e intra povos (NATIVIDADE et al., 2005, p. 7).

Muitos outros modos podem ser utilizados para unir música e Educação Física, som e movimento, sem se preocupar com aprofundamento musical, mas preocupando-se em auxiliar uma aprendizagem motora, social, cultural e subjetiva.

Em praticamente todas as atividades corporais, visualiza-se um trabalho rítmico, não podendo este ser dissociado de atividades motoras ou da própria vida. Assim, é esperado que as atividades rítmicas educacionais mereçam maior atenção no programa de Educação Física (ARTAXO; MONTEIRO, 2008, p. 61 apud PORTO; SANTOS; GRUNNENVALDT, 2017, p. 9).

Ao falarmos de ritmo, que constitui, mas não é exclusividade da música, pois vai além, concordamos com o entendimento de Jesus (2008) quando traz toda uma ideia de que o ritmo está intimamente ligado com o movimento corporal, e que questões rítmico-expressivas precisam ser mais abordadas no ambiente escolar.

Seja no Ensino Infantil, no Ensino Fundamental ou Médio, a música pode se tornar uma aliada nas aulas de dança, nas aulas de expressão corporal, de relaxamento, de esportes, de jogos, de lutas, de ginásticas, e de tantos outros conteúdos. Tudo isso é possível partindo da criatividade e dos conhecimentos do professor ao contextualizar a sua utilização seja como plano de fundo seja com uma ligação mais direta.

A fim de complementar nossa ideia de como esse recurso é utilizado dentro da Educação Física, seguiremos para a descrição metodológica desse estudo, no qual mostrará os passos realizados na coleta dos dados, seguindo da discussão deles.

3 METODOLOGIA

3.1 Abordagem e Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa está caracterizada como uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa que busca determinar características, atitudes ou fatos de determinada população ou fenômeno para assim interpretá-los. Uma das principais características de um estudo descritivo está na utilização de técnicas padronizadas de pesquisa, como questionários (GIL, 2002).

Na abordagem qualitativa o pesquisador vai a campo buscando o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas. Isso é feito para poder melhor compreender o contexto, o fato, as pessoas (GODOY, 1995). É ainda nesse sentido que Goldenberg (2004) nos diz também que a preocupação do pesquisador não está na representatividade numérica do fato apresentado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social.

Foi nesse sentido que fomos a campo em busca de professores para conhecer qual a proximidade deles com o recurso didático música durante sua graduação, no seu dia a dia profissional e sobre sua visão em relação à formação continuada.

Levando em consideração tais aspectos expostos acima, essa pesquisa, metodologicamente, se deu da seguinte forma:

3.2 Sujeitos Colaboradores da Pesquisa

Participaram dessa pesquisa 30 (trinta) professores de Educação Física que atuam nas redes públicas e privadas de ensino básico da cidade de Aracaju. Como delimitador da participação, adotamos alguns critérios: era necessário ser professor de Educação Física, independente do quanto tempo havia da graduação inicial e atuação docente; atuar pelo menos no nível de ensino fundamental na cidade de Aracaju; concordar em participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e respondendo o instrumento de coleta de dados, os quais se encontram nos anexos desse trabalho.

A partir desses critérios, participaram da pesquisa 30 (trinta) professores de Educação Física das redes Estadual, Municipal e Particular de Ensino, dos quais 20 (vinte) são do sexo masculino e 10 (dez) do sexo feminino. Outras características sobre o perfil dos sujeitos são relatadas a seguir.

Não havia critérios para idade ou ano em que começou na docência. Esse ponto é importante para que possamos ter uma amostra variada para nosso estudo. Diante disso, conseguimos alcançar professores com idade dos 25 anos até acima dos 45 anos como vemos no gráfico abaixo.

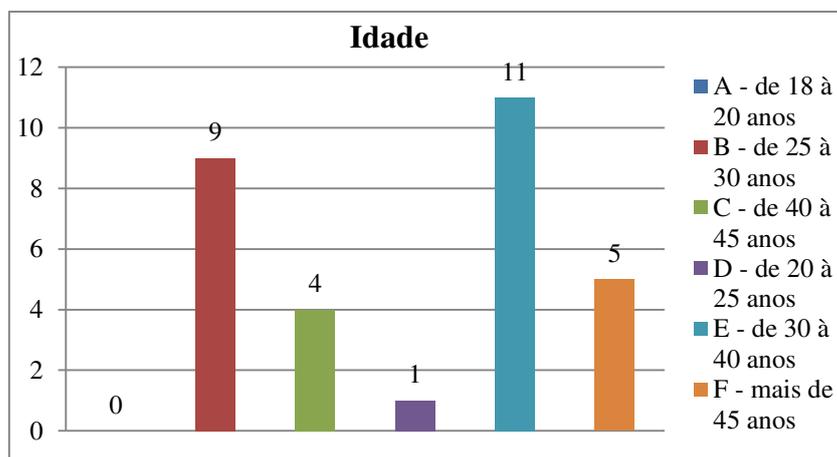


Gráfico 1 – Referente à idade dos participantes.

Fonte: Criado pelo autor.

No quesito local de ensino que atua, podendo ser marcada mais que uma alternativa caso houvesse, vemos que alguns professores atuam em duas redes de ensino. Há presença de quatro professores na Rede Municipal, o que representa 13,3% do total. Doze professores atuantes na Rede Estadual, representando 40% dos entrevistados. E vinte e um professores que atuam na Rede Particular, o que nos mostra uma presença de 70% dos participantes. Não foram alcançados professores da Rede Federal de Ensino.

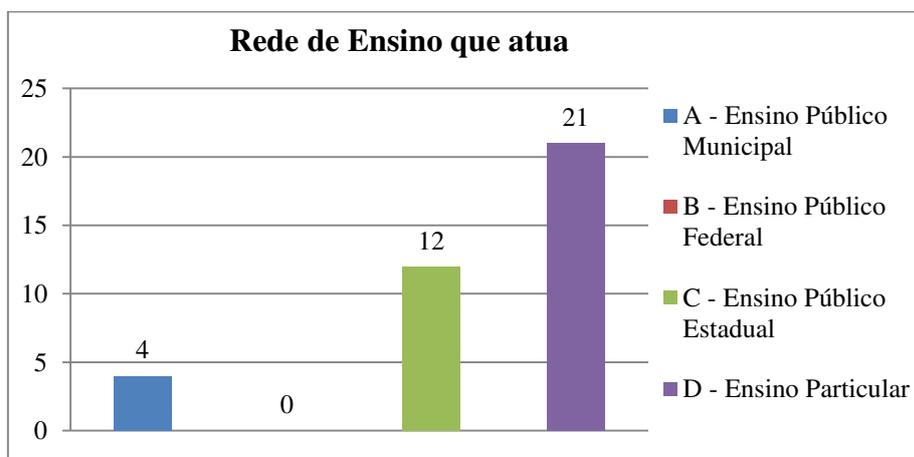


Gráfico 2 – Referente à rede de ensino que os professores atuam.

Fonte: Criado pelo autor.

Do total de professores, 15 (quinze) são formados a partir de uma universidade particular e 15 (quinze) formados por uma instituição pública de ensino. Podemos ver no gráfico 3 o intervalo de tempo que os professores tem de graduado.

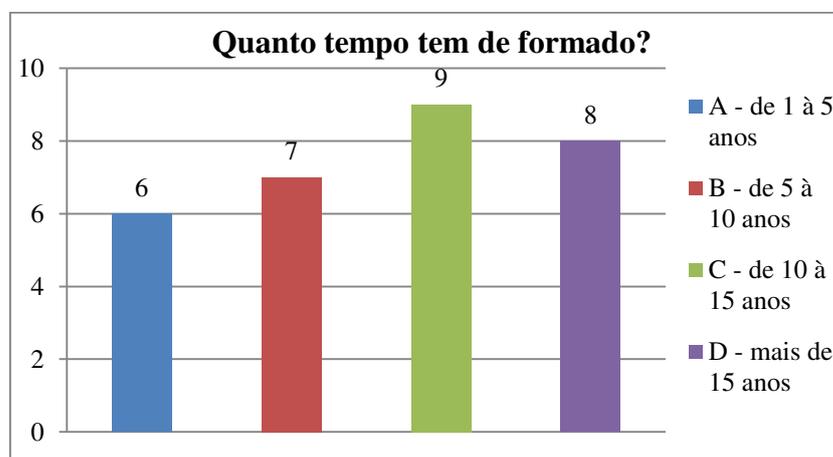


Gráfico 3 – Referente ao tempo de finalizada a graduação.

Fonte: Criado pelo autor.

Desses professores, 10 (dez) tem apenas graduação em Educação Física Licenciatura, 15 (quinze) tem alguma especialização (*latu senso*), e outros 5 (cinco) tem mestrado (*strictu senso*). Em relação ao tempo de docência dos pesquisados, temos uma média de 7 (sete) anos de atuação.

Esses dados foram obtidos através do instrumento de coleta de dados, o qual especificaremos a baixo trazendo posteriormente os procedimentos adotados.

3.3 Instrumento de Coleta de Dados

Para o desenvolvimento da pesquisa nos valem como instrumento de coleta de dados um questionário com 16 questões fechadas. Segundo Gil (2008), o questionário é uma:

técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (p. 121)

Partindo desse entendimento, o questionário foi organizado em quatro blocos de perguntas. O primeiro deles era em relação a informações preliminares como idade, campo e tempo de atuação docente, maior grau de formação, entre outras, das quais tinham por

objetivo traçar o perfil dos pesquisados. O segundo bloco de perguntas estava relacionado à sua formação inicial e o seu contato com o recurso didático música nesse período, a fim de conhecer se os docentes tinham conhecido e/ou apreendido esse recurso durante seu curso de graduação. O terceiro bloco, do qual se apresenta como elemento central da nossa pesquisa, questionou sobre a utilização da música na atuação do docente, tendo, assim, o objetivo de conhecer a utilização desse recurso em sua prática e sua visão sobre ele. Por fim, no quarto bloco foi perguntado sobre a experiência do professor com a formação continuada com a intenção de evidenciar o pensamento dele sobre uma formação complementar no quesito recurso didático música.

3.3.1 Procedimentos

Foram visitadas, de forma aleatória, escolas da Rede Pública e Particular de Ensino presentes na cidade de Aracaju em busca de sujeitos para nosso estudo. Estivemos presentes ainda em reuniões técnicas realizadas pelo Departamento de Educação Física da Secretaria de Estado da Educação do Estado de Sergipe. Essas reuniões se deram por ocasião da preparação do XXXV Jogos da Primavera realizada pela Secretaria.

A coleta de dados se deu por meio de um questionário com 16 questões fechadas, sendo que algumas eram de múltipla escolha e outras de resposta única. A utilização do questionário se deu para a obtenção de fatos de forma clara e objetiva referente o que dizem os professores a respeito da experiência deles com a música como recurso didático e sobre informações complementares a respeito de sua formação.

Após breve apresentação da pesquisa e seus objetivos foi entregue o questionário e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido onde o pesquisado afirmou estar ciente sobre a participação da pesquisa e autorizou a divulgação dos resultados obtidos, mantendo a sua confidencialidade.

As perguntas do questionário correspondiam de questionamentos básicos e claros, apoiados em interesses, teorias e hipóteses dos pesquisadores. As respostas possíveis estavam apresentadas como resposta única ou múltipla escolha quando indicada.

Os questionários foram aplicados individualmente em cada instituição de ensino em que o professor atuava ou de forma coletiva em ocasião de reuniões na Secretaria de Estado da Educação.

Os dados obtidos com os questionários foram organizados de forma tabular com o uso do programa Microsoft Office Excel 2010® e verificou-se a frequência simples dos resultados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com os dados coletados, confrontamos e discutimos os resultados frente à teoria que suporta esse estudo. Concentramos as respostas dos professores de acordo com cada pergunta dos blocos dois, três e quatro, ou seja, formação inicial, atuação profissional e formação continuada, respectivamente. O primeiro bloco de perguntas, referente a aspectos como idade, tempo de formação e outros, serviu para conhecer o perfil dos nossos entrevistados.

Em nossa primeira pergunta do bloco sobre a formação inicial, questionamos sobre a existência de alguma disciplina ou vivência pedagógica que lhe proporcionou a utilização da música como um recurso metodológico. O objetivo era saber se os professores da Educação Básica haviam tido algum tipo de contato ou referência que o auxiliasse em sua prática docente.

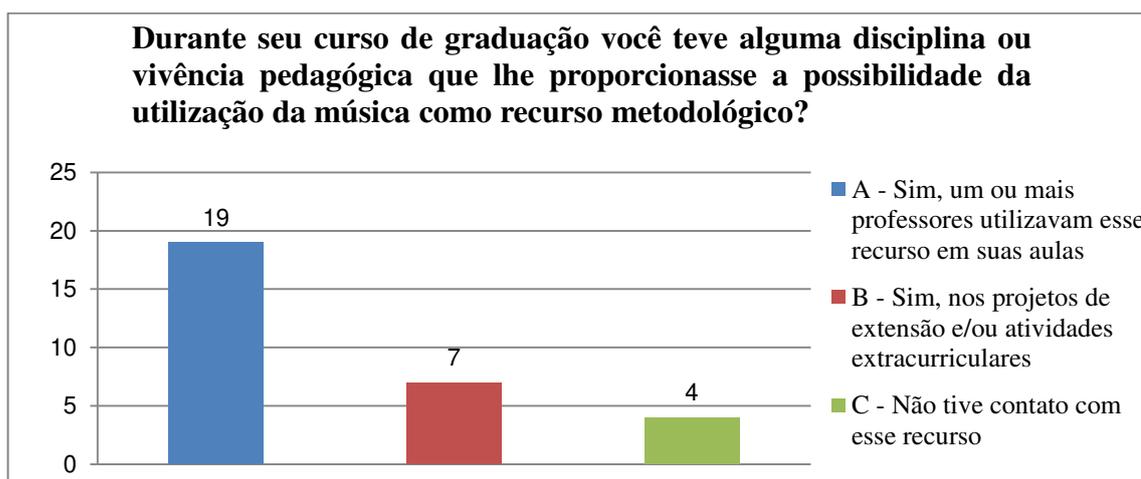


Gráfico 4 – Referente ao contato com a música durante a graduação.

Fonte: Criado pelo autor.

Vemos que a grande maioria dos professores respondeu que teve contato através dos professores das disciplinas curriculares do curso de Educação Física ou de projetos fora do currículo obrigatório. Dos quatro que afirmaram que não tiveram nenhum contato, quando olhamos o perfil de cada um, vemos que três possuem mais de 10 (dez) anos de formado, e um possui entre 5 (cinco) e 10 (dez) anos de formado.

Tais fatos se mostram importantes para o entendimento do contexto geral, pois é na graduação que o professor em formação deve acessar o máximo de possibilidades para sua futura ação profissional. Ao experimentar de diversas experiências, ele pode ter uma base para também utilizar essas em suas aulas no ambiente escolar.

Em nossa experiência durante o curso de formação também pudemos experimentar a música como recurso pedagógico durante as aulas de Pedagogia da Dança e Consciência Corporal, por exemplo. No contexto extracurricular, tivemos uma grande experiência nas vivências e reuniões do PIBID quando esse recurso era utilizado para motivar, desinibir e concentrar os olhares a um objetivo proposto.

Ainda dentro desse bloco de formação inicial, questionamos os professores se eles tinham experimentado ou conhecido a música como possibilidade de estratégia de ensino dentro da disciplina Didática ou Metodologia do Ensino. O gráfico 5 nos mostra o resultado.

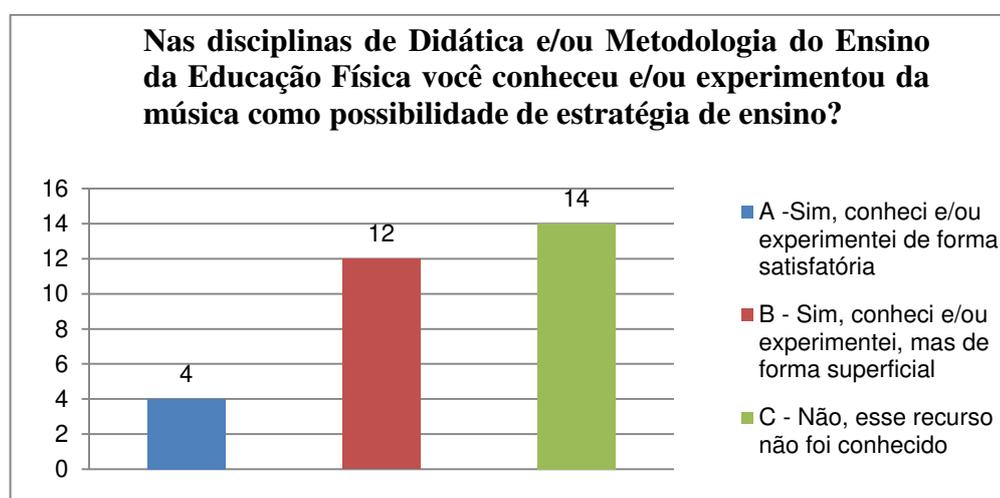


Gráfico 5 – Referente à música nas disciplinas de Didática e Metodologia do Ensino.

Fonte: Criado pelo autor.

Os resultados nos mostram que quase metade dos professores não tiveram nenhum tipo de contato com a música nas disciplinas que deveriam, ao nosso olhar, se debruçar. Outros 12 (doze) dizem que conheceram e/ou experimentaram de forma superficial esse recurso. Caparroz e Bracht (2007), partindo dos relatos que escutam nos fóruns e em seus estudos, nos dizem que há uma possível ineficiência em alguns pontos dos cursos de formação de professores.

Críticas apontaram a suspeita de que, nos cursos de formação de professores de educação física, estivesse existindo uma falta de aprendizado de elementos/conhecimentos da didática que garantissem aos futuros professores um conhecimento técnico-pedagógico que subsidiasse a realização de determinadas tarefas, como a elaboração dos diferentes planos para a organização do ensino (CAPARROZ; BRACHT, 2007, p. 23).

Caparroz e Bracht (2007) ainda nos ilumina quando dizem que a Didática não deve se prender ao aspecto tecnicista de outrora, nos anos anteriores a 1980, mas também não pode perder seu valor frente às discussões críticas pedagógicas. Eles apontam que as questões do cotidiano escolar e da prática docente perderam o prestígio ante questões sociopolíticas mais gerais. Isso gerou uma divisão indesejada entre os “teóricos” e os “práticos”.

Em nossa experiência atual dentro do curso de formação de professores de Educação Física, percebemos também certa falta de contribuição efetiva da disciplina Didática nas questões mais práticas do exercício da docência. Concluímos o curso com algumas lacunas que poderiam ser preenchidas, ao nosso olhar.

Libâneo (1994, apud METZNER, 2011), nos fala que a Didática tem sua função importante para o docente, pois “o domínio das bases teórico-científicas e técnicas, e sua articulação com as exigências concretas do ensino, permitem maior segurança profissional, de modo que o docente ganhe base para pensar sua prática e aprimore sempre mais a qualidade do seu trabalho” (p. 28).

Diante do exposto, a Didática no curso de formação de professores deve então se debruçar em como devem agir os professores no processo de ensino-aprendizagem, sem se engessar nos métodos, mas abrindo-se às perspectivas contextuais da sociedade e política. Ela deve servir como um suporte para aproximar a teoria da prática escolar, renovando-se com frequência e trazendo novos subsídios para a docência.

Passando para o segundo bloco de questões, sobre a atuação docente, perguntamos sobre como o professor utiliza a música no seu dia a dia profissional. Foram feitas quatro perguntas com respostas objetivas em que poderiam ser marcadas mais de uma opção.

Indagando sobre quais os conteúdos os professores já utilizaram música em suas aulas o resultado se mostrou dentro do esperado. A predominância da música nos conteúdos de dança e dos jogos e brincadeiras é um fato atestado por estudos publicados nos periódicos da área (Da Silva; Zoboli, 2015).

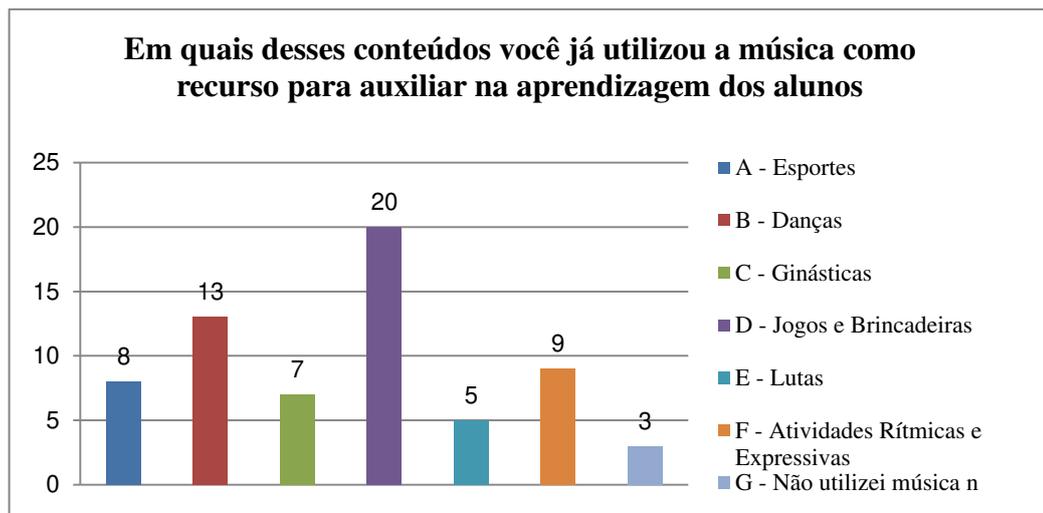


Gráfico 6 – Referente aos conteúdos que utilizou a música como recurso.

Fonte: Criado pelo autor.

Esses dados coletados se devem ao contexto desses dois conteúdos e sua afinidade com a música. A dança, citada por 43,3% dos professores, juntamente com as atividades rítmicas e expressivas, tem sua estreita ligação com a música justamente por causa da questão rítmica do movimento. Já os jogos e brincadeiras, citada por 66,7% dos professores, é a que mais se destaca no quadro. Essa se mostra muito próxima da música por causa da questão lúdica presente em jogos populares e cantigas, principalmente.

Interessante perceber que as respostas dos professores abrangeram todos os conteúdos da Cultura Corporal de Movimento. A luta foi o conteúdo com menor citação entre os pesquisados, evidenciando talvez uma pouca presença desse conteúdo nas escolas. No estudo feito por Leite, Borges e Dias (2012), com 50 alunos, ficou evidenciado que cerca de 80% desses alunos nunca tiveram aulas de lutas. Nesse conteúdo também é possível trabalhar com a música, a exemplo da capoeira.

Toda e qualquer prática corporal mostra-se afim de questões rítmicas. Diversas atividades organizadas e sequenciais podem facilitar o aprendizado de uma habilidade, de um conceito, de um aspecto sociocultural. Nesse sentido é que a Base Nacional Comum Curricular nos fala que:

Em princípio, é relevante sublinhar que todas as práticas da cultura corporal de movimento, mais ou menos explicitamente, possuem expressividade e ritmo. Em relação à expressão, essas práticas se constituem em códigos simbólicos, por meio dos quais a vivência individual do ser humano, em interação com os valores e conceitos do ambiente sociocultural, produz a possibilidade de comunicação por gestos e posturas. Em relação ao ritmo,

desde a respiração até a execução de movimentos mais complexos, se requer um ajuste com referência no espaço e no tempo, envolvendo, portanto, um ritmo ou uma pulsação. (BRASIL, 1998, p. 71)

O contato com o som, com o ritmo, com o movimento, juntamente com os jogos, a dança e aos outros conteúdos da Educação Física se mostra como aspecto integrante do desenvolvimento da formação do ser humano integralmente. Percebemos que o exercício da docência voltado para a amplitude do ser possibilita uma efetiva contribuição na aprendizagem dos alunos.

Ao compreender que a música e o movimento são faces que se unem e se completam, e é algo que está presente no cotidiano do aluno, podemos entender concretamente que isso pode ser usado como ferramenta para auxiliar no ensino-aprendizagem.

Chamou-nos a atenção, ainda nesta pergunta aos professores, o fato de três deles terem respondido que nunca utilizaram música em nenhum desses conteúdos. Olhando o perfil desses professores em particular, entendemos que o ambiente escolar em que eles lecionam está voltado para uma Educação Física muito ligada ao esporte. Seus colégios aparecem com frequência nos primeiros lugares dos campeonatos escolares da cidade. Nas perguntas posteriores do questionário eles mantiveram a mesma linha de pensamento.

Questionando os 30 (trinta) professores sobre quais os pontos que dificultavam a utilização da música como uma estratégia para a sua prática docente, recebemos como resposta algo que é comum escutar dos professores de Educação Física: falta de recursos materiais.

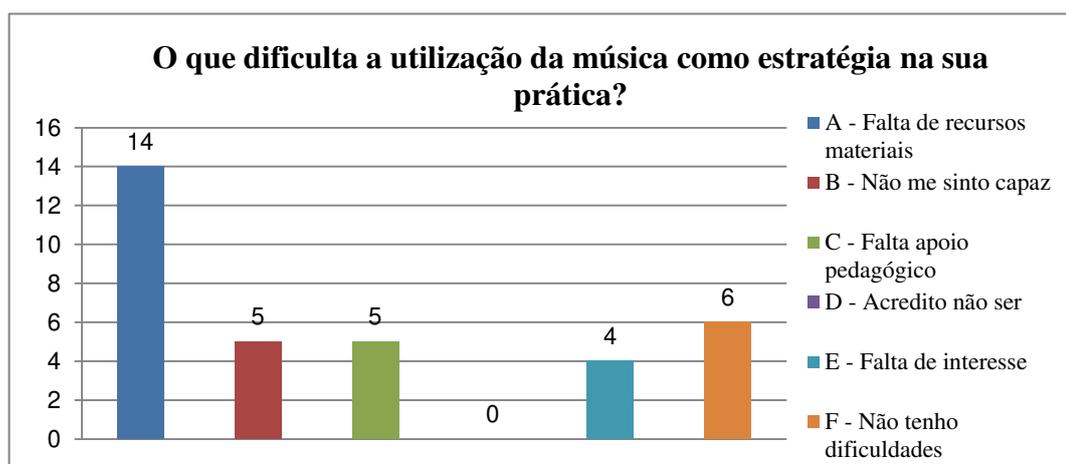


Gráfico 7 – Referente às dificuldades apresentadas na utilização da música.

Fonte: Criado pelo autor

Nessa pergunta, em que poderia ser marcada mais que uma alternativa, cerca de 46,7% dos professores afirmaram não ter recursos materiais, como caixa de som, na escola para facilitar o seu uso. Natividade et al. (2005), fazendo estudo com os professores sobre as dificuldades da utilização da música em sala de aula também encontrou como aspecto mais citado essa mesma motivação.

O sentimento de incapacidade e a falta de apoio pedagógico também foram, em menor número, citados pelos pesquisados. Braga e Oliveira (2009), também fazendo estudos com professores, trouxeram o fato de que, no dizer de 62,5% dos entrevistados, as disciplinas dos cursos de formação de professores mais próxima das questões musicais não os preparam para o uso desse recurso em suas aulas.

É possível que os professores se justifiquem na falta de recursos materiais e físicos para não demonstrarem uma falta de conhecimento do uso da música. Braga (2002) reflete sobre isso.

Pensamos que a deficiência levantada inicialmente em relação aos recursos musicais, não está relacionada apenas a materiais ou objetos concretos, mas exatamente, à falta de um conhecimento, de uma aproximação, de uma experiência maior com a Música: talvez falte até o conhecimento do alfabeto musical (como já dito), e, certamente, creio, a partir desses elementos, a criação, disponibilização e utilização de recursos torna-se muito mais viável (BRAGA, 2002, p. 72).

A falta de interesse por parte dos alunos, mencionada por 4 professores, deve ser olhada contextualmente. Para nos iluminar quanto a algumas possíveis motivações, Almeida (2007, apud SANCHES, 2014) nos diz que os procedimentos didáticos-pedagógicos usados pelos professores influenciam na qualidade das aulas e também na motivação e interesse dos alunos.

Ao adotar estes procedimentos, o professor leva grande vantagem sobre as outras disciplinas escolares, pois a Educação Física, por si só é uma prática motivadora e que permite abordar uma grande variedade de temas e assuntos que estão relacionados com a maioria das disciplinas existentes no currículo de uma instituição, podendo promover um ensino mais desafiador e interessante para os alunos e professores (ALMEIDA, 2007, apud SANCHES, 2014, p. 6).

Mariano, Miranda e Metzner (2017) em estudos realizados encontraram como principal motivação da falta de interesse dos alunos nas aulas de Educação Física, em especial

no Ensino Médio, como a falta de variedade nas práticas corporais: as aulas são sempre as mesmas.

Cerca de 20% dos pesquisados responderam que não encontram qualquer dificuldade na utilização da música em suas aulas. Nenhum dos professores marcou que não acreditam que a música seja um recurso interessante. Esse fato nos revela que ainda que diante de dificuldades materiais, inabilidades, e desinteresse dos alunos, eles reconhecem que há possibilidades de uso desse recurso dentro do processo educacional.

Diante do processo de ensino-aprendizagem, perguntamos em outra questão quais as vantagens que os professores percebem ao utilizar a música em suas aulas. Essa pergunta permitia selecionar mais de uma alternativa.

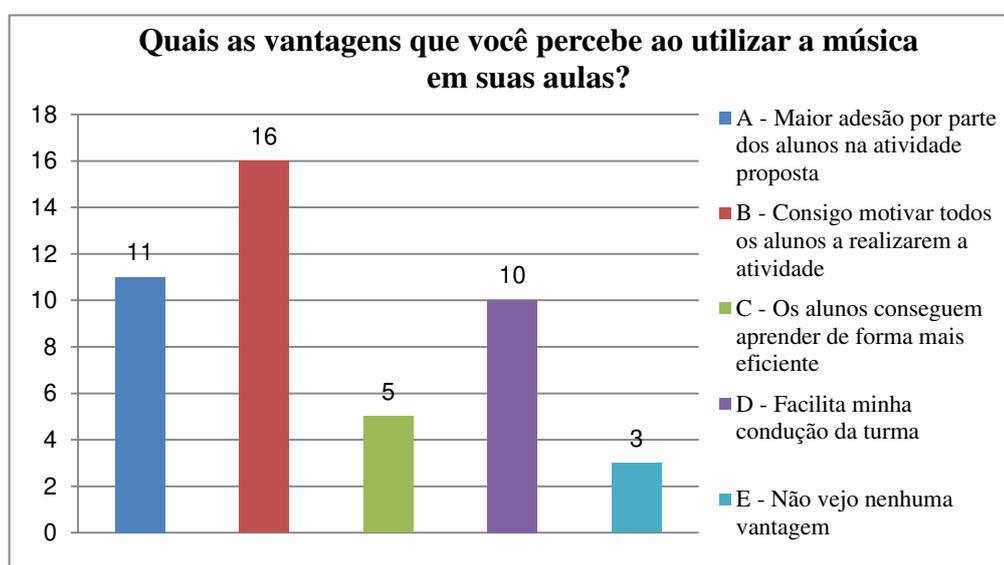


Gráfico 8 – Referente às vantagens da utilização da música nas aulas.

Fonte: Criado pelo autor.

Para esse questionamento, 53% dos professores apontaram a motivação como maior efeito benéfico da utilização da música em suas aulas. Outros 36% indicaram a adesão como um ponto relevante na utilização da música. Segundo Castoldi e Polinarski (2009), o uso de diferentes recursos na aprendizagem atrai o aluno e o motiva a aprender. Esses dados estão ligados coerentemente com o da questão anterior, onde apenas 4 professores disseram que os alunos não tem interesse pela aulas quando utilizado esse recurso.

Como falamos anteriormente, o objetivo da utilização da música está em ser um recurso que facilite a aprendizagem. Entretanto apenas 16,7 %, que corresponde a 5 (cinco) professores, marcaram a alternativa correspondente ao reconhecimento de que esse recurso

facilita que o aluno aprenda de forma mais eficiente. Esse dado nos questiona, pois segundo Ferreira (2001 apud Natividade et al., 2005), Braga (2002), Almeida (2013), Moreira; Santos e Coelho (2014), a música se mostrou um recurso interessante na aprendizagem dos alunos.

É justamente pela atratividade e adesão dos alunos quando há propostas que fogem do tradicional, como com utilização da música, que a aprendizagem é facilitada. Para isso é necessário que o professor planeje quais objetivos de aprendizagem ele espera alcançar com a aula proposta e como esse recurso é utilizado durante ela.

Do total de professores, 10 deles disseram que há facilidade de conduzir a turma quando utilizam a música como um ponto relevante na sua experiência. Outros 3 professores responderam que não enxergavam nenhuma vantagem.

A Música inserida nas aulas de Educação Física auxilia no cumprimento de algumas funções: expressar emoções, proporcionar prazer estético, simbolizar idéias e comportamentos, unir pessoas de crenças, raças e grupos sociais distintos, impor conformidade às regras e condutas sociais, comunicar, educar, recrear, instigar determinada reação física, preparar um ambiente para determinada atividade, validar instituições e rituais religiosos e contribuir para a estabilidade e continuidade da cultura (BRAGA, 2009, p. 44).

Reconhecida as vantagens, passemos para a próxima questão que trata sobre as desvantagens percebidas pelos professores quando eles utilizam música em suas aulas. Essa pergunta também se enquadra dentro daquelas que poderiam ser marcadas mais de uma alternativa.

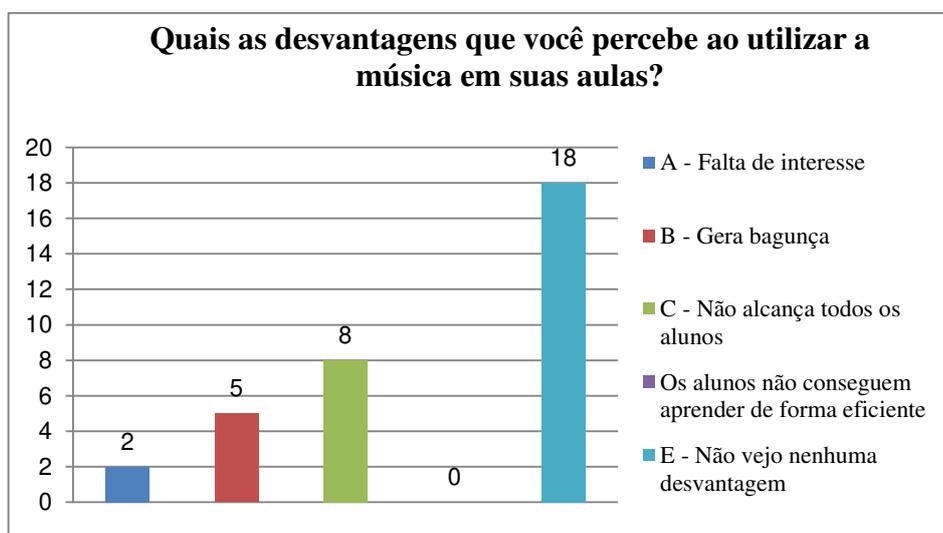


Gráfico 9 – Referente às desvantagens da utilização da música nas aulas.

Fonte: Criado pelo autor.

Os dados se mostram expressivos ao evidenciar que os professores, em sua grande maioria, cerca de 60%, não veem nenhuma desvantagem na utilização da música como recurso didático. Tal resultado aparece também na pesquisa realizada por Natividade et al. (2005).

É importante reconhecer que nenhum recurso ou metodologia servirá para todos, assim como esses 8 professores citaram que encontram desvantagem, pois não alcançam todos os alunos. A pedagogia tradicional, através de métodos fechados, encontra aí grandes dificuldades também no processo de ensino-aprendizagem. Não existe homogeneidade nas turmas escolares. A utilização de diversas práticas didático-pedagógicas, de diferentes atitudes do professor vem justamente numa tentativa de alcançar os alunos de forma mais abrangente possível.

A aquisição da sensibilidade relativa às diferenças entre os alunos constitui uma das principais características do trabalho docente. Essa sensibilidade exige do professor um investimento contínuo e a longuíssimo prazo, assim como a disposição de estar constantemente revisando o repertório de saberes adquiridos por meio da experiência (TARDIF, 2000, p. 17).

Interessante notar que os professores que se mostraram indiferentes à utilização da música em suas aulas marcaram que não reconhecem nenhuma desvantagem na utilização dela. Surge-nos um questionamento de porque então não utilizá-la? Três desses professores responderam que não tiveram nenhum contato com a música em sua formação inicial e responderam que não se sentiam capazes de utilizar esse recurso. Essa pode ser uma das possíveis justificativas para esse fato da não utilização da música em suas aulas.

Partindo para essa busca de contínuo aprendizado, perguntamos aos professores algumas informações sobre a formação continuada. Nessa primeira pergunta do quarto bloco questionamos se os professores já participaram de algum curso de capacitação no qual foram abordadas questões que envolvessem musicalidade.

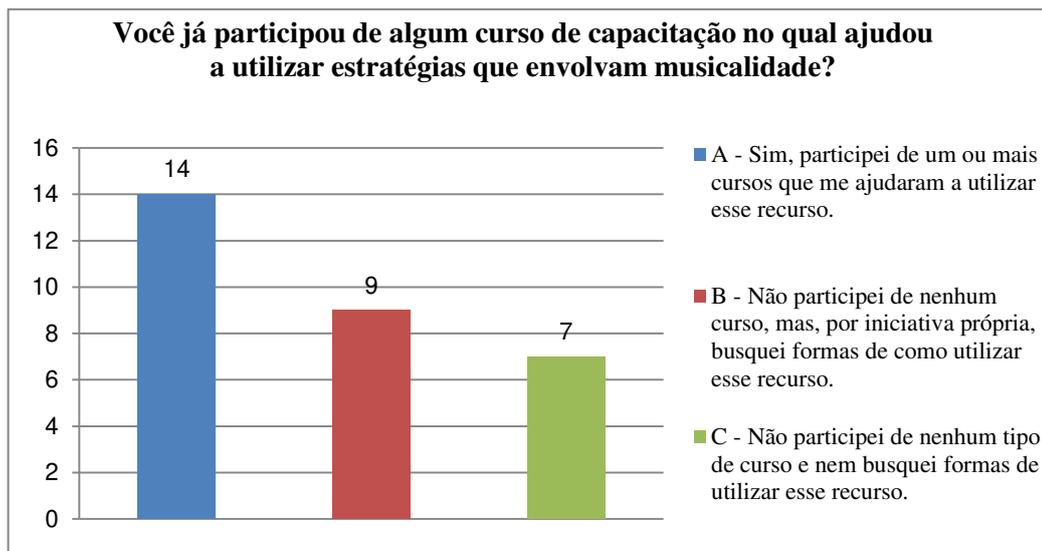


Gráfico 10 – Referente aos cursos de capacitação.

Fonte: Criado pelo autor.

Diante dos resultados podemos fazer reflexões importantes sobre a prática docente. Vemos que quase metade dos professores já participou de algum curso do qual teve a música como uma das estratégias trabalhadas. Isso se mostra importante, pois nos revela que há uma presença dessa temática nos cursos de formação continuada. O professor deve estar em constante formação para que possa aprimorar sua ação docente.

A formação continuada se apresenta com o objetivo de garantir a continuidade e aprimoramento dos saberes dos docentes (TARDIF, 2012). Saberes que, nesta profissão, estão em constante atualização e transformação, o que demanda um acompanhamento próximo da realidade cultural e científica.

Desse modo, os professores e as instituições devem estar cada vez mais atentos aos processos e estratégias, dentre outros, que levam a uma aprendizagem mais eficiente, que aproximem o aluno do conhecimento e lhe tragam sentido e experiências para uma formação integral. Ao reconhecer as problemáticas existentes nesse processo, é possível interferir substancialmente na prática docente.

Tanto em suas bases teóricas quanto em suas conseqüências práticas, os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e necessitam, por conseguinte, uma formação contínua e continuada. Os profissionais devem, assim, autoformar-se e reciclar-se através de diferentes meios, após seus estudos universitários iniciais (TARDIF, 2000, p. 7).

Ao olhar para os professores que responderam que não participaram de nenhum curso, mas por iniciativa própria buscaram formas de como utilizar a música em suas aulas, estamos também de acordo com Tardif (2012) quando fala que os professores aprendem não somente

nos cursos de formação inicial e numa formação continuada, mas eles aprendem e se remodelam a partir da sua própria prática docente, ao tentar resolver suas questões mais específicas. Esses professores, de certo modo, mostram que há uma busca pessoal para incorporar novos meios para sua atuação.

Analisando brevemente a situação dos professores que afirmaram não ter participado de nenhum curso nem buscaram formas de como utilizar a música em suas aulas, muitas são as possibilidades. Segundo Graça (2013), falando sobre um programa de formação continuada da Secretaria de Educação do Município de Aracaju, o desafio está, dentre muitos outros, em estimular a adesão dos professores os encontros de formação contínua.

Mesmo com a política de estímulo à frequência e as iniciativas que tentam incluir o professor como sujeito da sua própria formação, a participação do conjunto do magistério ainda é muito diminuta. Há áreas de estudo que contam com uma participação mais significativa (chega a reunir cerca de 20 professores) e outras que não consegue juntar mais de três docentes (GRAÇA, 2013, p. 32).

A autora supracitada ainda relata que há um distanciamento entre as instituições formadoras e os professores, além do distanciamento das reais necessidades de formação desses profissionais.

Como diz Perrenould (1998, p. 207), é necessária a “criação de um corpo de formadores e de serviços que garantam a oferta regular de formação contínua em temas que não estejam distantes demais das práticas profissionais, dos programas, dos modos de funcionamentos específicos da escola” (GRAÇA, 2013, p. 32).

Fazendo menção a Fusari (1998), Graça (2013) conclui dizendo, entretanto, que a formação continuada não deve ser uma atribuição exclusiva do Estado ou das Instituições, pois cada professor precisa ser responsável por seu desenvolvimento pessoal e profissional, buscando os caminhos e a direção que deve percorrer.

Adentrando mais fundo na percepção dos professores a respeito da formação continuada, perguntamos se eles acreditavam que um aprofundamento em questões ligadas a utilização da música em suas aulas ajudaria em sua atuação. Vejamos o gráfico 11.

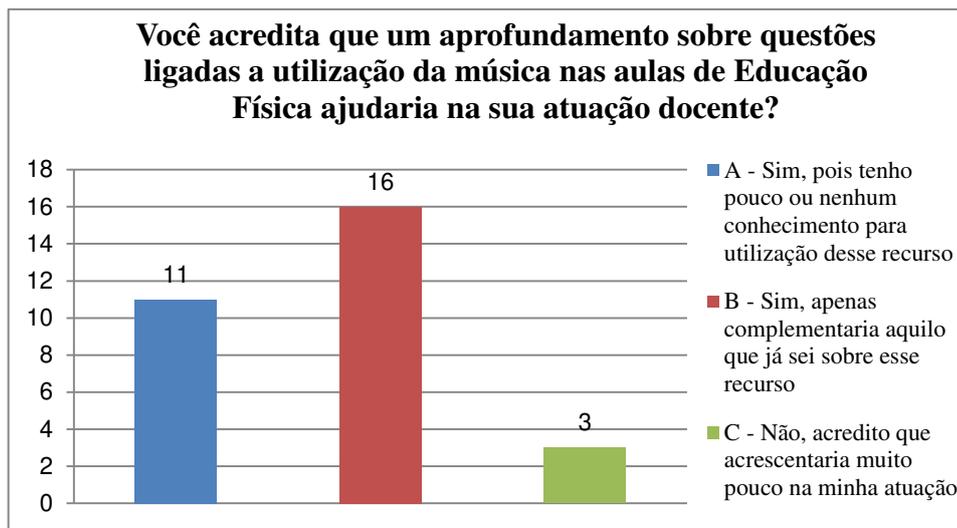


Gráfico 11 – Referente ao aprofundamento para a utilização da música.

Fonte: Criado pelo autor.

Muitos professores acreditam que aprofundamentos em relação a essa temática complementararia aquilo que eles já sabem sobre esse recurso. Outra parcela acredita importante o aprofundamento por ter pouco ou nenhum conhecimento para utilizar esse recurso. Ao olharmos para o perfil dos participantes desse estudo compreendemos que a proximidade das respostas pode ter a ver com o equilíbrio no quesito idade e tempo de formação. Há muitos formados há pouco tempo e outros com certo tempo de carreira docente. É nesse sentido que Tardif (2012) fala sobre os saberes experienciais. Ele os define como:

O conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e que não provêm das instituições de formação nem dos currículos [...] são saberes práticos [...] e formam um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana e todas as suas dimensões. (TARDIF, 2012, p. 49)

O saber docente, como exposto nesse trabalho, provém de diferentes fontes, o qual, na perspectiva de Tardif, compreende os conhecimentos adquiridos por meio da teoria e da prática. Esses conhecimentos permitem que o professor possa ter uma atuação com mais competência e estão ligados também ao tempo e a prática do próprio ato de docência.

Segundo Nóvoa (2007), é a reflexão da prática que deve formar o profissional, e não a prática por si mesmo. A experiência dos professores é válida desde que seja para além da repetição e aplicação de “receitas”, mas deve estar baseada numa análise da própria prática

frente ao contexto particular de cada grupo, provocando, assim, um novo olhar aos conhecimentos e métodos concebidos numa formação inicial, experiencial e contínua.

Em relação aos três professores que indicaram que o aprofundamento nessas temáticas acrescentaria muito pouco a sua formação, apresentam em seu perfil de atuação docente uma íntima ligação com uma Educação Física ainda voltada para a prática de atividades esportivas. Esses mesmos professores se apresentaram indiferentes também aos questionamentos em relação às vantagens e desvantagens da utilização da música em suas aulas. Na próxima pergunta eles se mantêm na mesma indicação.

No último questionamento do bloco sobre a formação continuada, os professores foram indagados se eles acreditavam que recursos e estratégias metodológicas como a música deveriam ser mais trabalhados nos cursos de graduação e formação continuada. Dentro da formação continuada entram também os cursos *lato sensu* e *stricto sensu*. Dos trinta professores, cerca de 67% tem ao menos um curso *lato sensu*. Acompanhem as respostas e discussão a partir do gráfico 12.

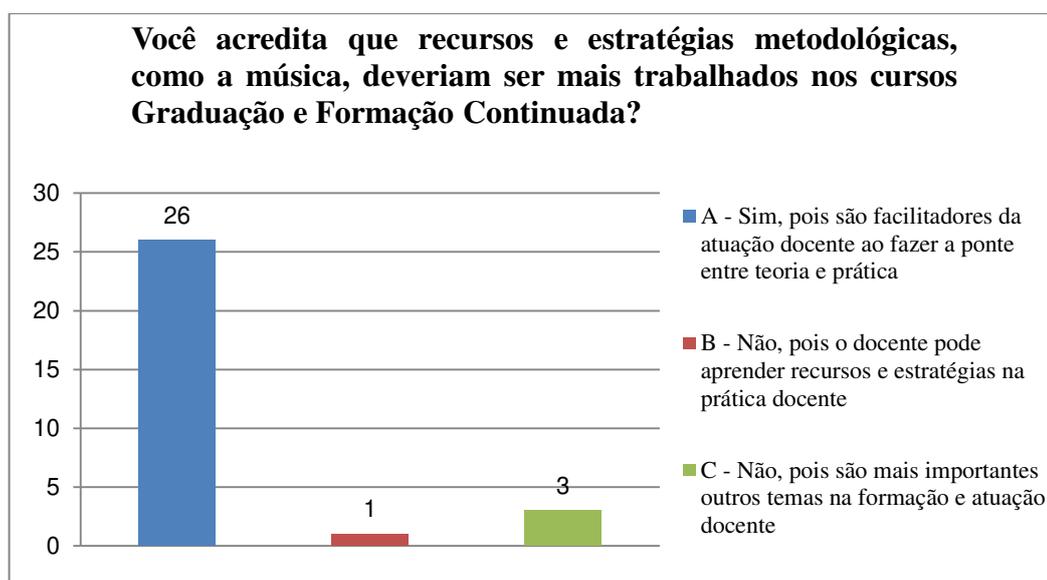


Gráfico 12 – Referente ao aumento no trato da música na formação inicial e continuada.

Fonte: Criado pelo autor.

De modo expressivo a maioria dos pesquisados afirmou que recursos e estratégias, como a música, deveriam ser mais trabalhados nas formações inicial e continuada, pois se apresentam como facilitadores na sua atuação. Ao olhar para o primeiro bloco de questões do instrumento de pesquisa vemos uma expressiva falta de contato dos docentes com a música

enquanto recurso didático. As respostas presentes no gráfico 12 evidenciam uma necessidade dos professores em se aprofundar em questões que possam de fato contribuir para sua atuação profissional desde a formação inicial.

Diante de uma Educação Física que se apresenta numa configuração nova, se faz necessário outros meios para que os alunos tenham uma aprendizagem significativa e integral. Loureiro (2001) nos diz que o processo de ensino-aprendizagem pede uma constante adequação e renovação dos métodos, estratégias e recursos para promover as condições necessárias para o crescimento e transformação do aluno. Além desse aspecto mais técnico, uma ação reflexiva dos docentes sobre suas práticas e de contínua busca por conhecimento se mostra como um caminho importante na resolução dos desafios diários apresentados no cotidiano escolar.

Assim, entendemos que tanto a formação inicial como a formação continuada são partes do processo formativo profissional que constitui a formação docente, as quais objetivam o desenvolvimento e a ampliação de conhecimentos, a superação de limites e o atendimento às exigências, cada vez maiores e mais complexas, feitas à escola e ao professor, considerando-se os múltiplos grupos de aprendizes e a diversidade dos contextos de atuação (BELLOCHIO; GARBOSA, 2010, p. 250).

Torna-se importante, então, oportunizar uma formação docente inicial e contínua sólidas para favorecer com que eles cumpram seu papel de contribuir num desenvolvimento integral dos alunos. A formação inicial e continuada são partes do processo formativo que constitui a profissão docente, as quais tem justamente o objetivo de desenvolver e ampliar os conhecimentos, a superação dos desafios cotidianos da profissão, e conseqüentemente resultam num ensino e aprendizagem significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos então às nossas principais constatações em relação a essa pesquisa que teve como objetivo investigar o estado de conhecimento dos docentes de Educação Física que atuam no ensino fundamental das redes Pública e Particular de ensino de Aracaju a respeito da utilização da música como estratégia metodológica em suas aulas.

Para isso, utilizamos a como instrumento de coleta de dados um questionário objetivando verificar em primeiro momento o contato com a música enquanto recurso metodológico durante a formação inicial dos docentes. Obtivemos como resposta uma presença significativa da música durante as aulas dos professores do curso de formação em Educação Física. Entretanto, evidenciou-se que as disciplinas de Didática ou Metodologia do Ensino não contemplaram ou contemplaram de forma muito superficial a utilização desse recurso, não fornecendo assim uma formação mais substancial nesse ponto.

Os docentes demonstraram em suas respostas a presença da música nos diversos conteúdos da cultura corporal de movimento. As danças e os jogos e brincadeiras foram os conteúdos mais mencionados, sendo coerente com as pesquisas da área que trazem o recurso música mais ligado a essas práticas.

No tocante às dificuldades, vantagens e desvantagens da utilização da música enquanto recurso, reconhecemos a falta de recursos materiais como a principal dificuldade apresentada. Como vantagem os professores indicaram que o quesito motivação é o mais visível, sendo tal fato relatado e atestado por diversos outros estudos. A grande maioria não reconheceu nenhuma desvantagem, entretanto foram citadas a falta de alcance de todos os alunos e a bagunça como aspectos que não favorecem a utilização desse recurso.

Por fim, indagamos os professores sobre a visão deles sobre a formação continuada enquanto meio para aprofundar seus conhecimentos em recursos e estratégias como a música. De modo geral vemos que os professores tiveram acesso a cursos ou por iniciativa pessoal ao aprofundamento de questões ligadas a musicalidade em suas práticas. Ficou expressivo ainda o desejo dos professores em ter essas temáticas mais aprofundadas nos cursos de formação continuada e a visão da grande maioria da necessidade de recursos como a música ser mais trabalhado nos cursos de graduação e formação contínua.

Diante dos objetivos dessa pesquisa pudemos constatar que os professores demonstraram utilizar a música ainda que não tenham tido um conhecimento durante sua formação inicial, aprimorando-se assim por meio de formação complementar e através da sua prática cotidiana, tendo-o como um recurso motivador para o processo ensino-aprendizagem.

Constatamos ainda o desejo dos docentes de o recurso música estar mais presente nos cursos formativos como forma de prepara-los de forma mais substancial para a atuação docente.

Exposto acima os achados dessa pesquisa, avaliamos que o estado de conhecimento dos professores de Educação Física da cidade de Aracaju se mostra regular, pois mostra que os professores apesar de utilizar a música em suas aulas no cotidiano, tem uma formação inicial e continuada que não contribuí de forma satisfatória, segundo os dizeres dos professores. Ainda a falta de entendimento do valor da música para a aprendizagem eficiente se mostra como um sinal para um possível uso inadequado da música no dia a dia da profissão.

A nossa intenção de buscar o olhar dos docentes a respeito desse recurso se mostrou importante para fomentar e agregar às discussões da área de Educação Física em relação a meios que colaborem no tocante ao “como ensinar” os conteúdos desse componente curricular. Por tanto esse trabalho se mostra relevante por ao menos ter contribuído minimamente para que por hora as discussões fossem iniciadas, ao passo que revela o conhecimento dos professores sobre a temática.

Esses apontamentos podem ajudar outros professores diante de suas práticas, oportunizar a continuação das pesquisas sobre os saberes docentes, contribuir com o desenvolvimento da profissão docente, além de trazer a discussão para o campo dos cursos de formação de professores sobre a temática.

Chamamos atenção também para o fato de que o nosso estudo mostra que é necessário ampliar e aprofundar na literatura a compreensão sobre esse tema, além de verificar a partir de outros instrumentos de coleta de dados e tipo de pesquisa como esses profissionais estão de fato utilizando a música em suas aulas.

Desse modo, convido outros acadêmicos para somarem nesse propósito olhando para os cursos de graduação e suas disciplinas que contemplem aspectos musicais na formação inicial, os aspectos relacionados à prática docente quanto à frequência e a forma de utilização da música enquanto recurso didático, e ao aprofundamento sobre a formação continuada de professores.

Tais demandas não puderam ser contempladas nessa investigação por razões de tempo e extensão do trabalho monográfico. Entretanto, certos de que nenhum estudo está concluído, pretendemos dar continuidade em trabalhos posteriores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. K. de. . **A música como auxílio no desenvolvimento das atividades físicas**. Monografia. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Rosa, 2013.

ANDRADE, A. da S. . **A música como instrumento facilitador da aprendizagem na Educação Infantil**. 2012. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y4b6mdub>> . Acesso em 20 fev. 2019.

BELLOCHIO, C. R.; GARBOSA, L. **Educação musical na formação inicial e continuada de professores: projetos compartilhados do Laboratório de Educação Musical - LEM - UFSM/RS**. Cadernos de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2010. v. 37, p. 247-272.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física Escolar: Uma proposta de diretrizes pedagógicas. **IN: Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. São Paulo. Ano I, N.º 1, 2002.

BRACHT, V. . Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento? In: SOUZA JÚNIOR, M. **Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. Recife: EDUPE, 2005. p. 97-106.

BRACHT, V. . A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, Aug. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621999000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 Mar. 2019.

BRACHT, V; CAPARROZ, F. E. O tempo e o lugar de uma Didática da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Campinas, Autores Associados, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007.

BRAGA, A. L.; OLIVEIRA, R. G. Educação Física e música: uma visão dos professores sobre a música na Educação Física Escolar. **Revista Interfaces: ensino, pesquisa e extensão**, vol.1, n.1, p. 42-45, 2009.

BRAGA, J. M. P. . **Elementos Musicais a serem abordados na Formação Profissional em Educação Física**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2002. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/275356>>. Acesso em 10 jan. 2019.

BRAGA, J. M. P. . **Os benefícios da Música na Educação Física**. Campinas, 1994, 67 p, Monografia (Graduação em Educação Física) Faculdade de Educação Física, UNICAMP.

BRASIL - Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio (Parte II). **Diário Oficial da União**,

Brasília, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em: 28 abr. 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN + Ensino Médio**: Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: Ministério da Educação, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em 30 de Abr. de 2018.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Lei 9.394, de 20 de dezembro 1996. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1996. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-normaatualizada-pl.html> . Acesso em: 15 jun. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018-versaofinal.pdf>. Acesso em: 13 de mai. 2018.

BRITO, J. C.; SOUSA, E. A. de. . O uso da música em uma experiência didática no ensino de Literatura. Caxias, MA: **Revista de Letras Juçara**, v. 01, n. 01, p. 126 – 143, jul. 2017. Semestral. Disponível em < <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/1321>>. Acesso em 02 de fev. 2019.

CASTOLDI, R., POLINARSKI, C. A. A Utilização de Recursos Didático-Pedagógicos na Motivação da Aprendizagem. **Anais do II Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia**, 2009.

CORDERO, O. H. G. . A MÚSICA, O RITMO E A EDUCAÇÃO FÍSICA. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, 2014.

DA SILVA, R. I.; ZOBOLI, F.. Música, corpo e Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 44, p. 125-141, maio 2015. ISSN 2175-8042. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2015v27n44p125>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

Darido, S. C. e Rangel, I. C. A. **Educação física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2005

GABALDI, C. S. . **Música e Educação no ambiente escolar**. In: Os Desafios da Escola pública paranaense na perspectiva do Professor. PDE Artigos, 2009, Versão Online ISBN 978-85-8015-054-4 Cadernos PDE Maringá, 2011. Disponível em < http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2009_ue_l_geografia_artigo_cristiane_scola.pdf>. Acesso em 30 de jan. 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

GIL, A. C.. **Método e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, A. S. .Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. RAE. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, 1995.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. . **Entre o "não mais" e o "ainda não":** pensando saídas do não-lugar da EF escolar I. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 1, p. 9-24, 2009.

GRAÇA, T. C. C. . Programa Hora de Estudo: a formação continuada como conquista e os desafios da adesão. *Interfaces Científicas - Educação* , v. 2, p. 23-35, 2013.

JARDIM, T. M. S. **Música no ensino fundamental:** práticas e saberes nas escolas urbanas da rede municipal de ensino de Londrina – PR. Dissertação de Mestrado Acadêmico em Metodologias para o Ensino de Linguagens e Suas Tecnologias. Londrina: Universidade Norte do Paraná, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.pgsskroton.com.br/handle/123456789/3247?locale=en>>. Acesso em 11 de jan. 2019.

LADEIRA, M. F. T.; DARIDO, S. C.; RUFINO, L. G. B.. **Interfaces entre a Educação Física e a Área da Linguagem: Contextos e Possibilidades.** *Educação & Linguagem (Online)*, v. 16, p. 237 - 269, 2013. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ms/index.php/EL/article/view/3247/3830>. Acesso em 13 de Mai. de 2018.

LEITE, F. F.; BORGES, R. S.; DIAS, T. L. **A utilização das lutas enquanto conteúdo da Educação Física escolar nas escolas estaduais de Araguaína-To.** *Revista Científica do Instituto Tocantinense Presidente Antonio Carlos – ITPAC*. v. 5. n.6, 2012. Disponível em <<https://assets.itpac.br/arquivos/Revista/53/3.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2019.

LOUREIRO, A. M. A. . O ensino da música na escola fundamental: dilemas e perspectivas. **Educação (UFSM)**, Santa Maria, v. 28, n.01, p. 101-112, 2003.

LOUREIRO, A. M. A. . **O ensino da música na escola fundamental: um estudo exploratório.** 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2001.

MARIANO, G. S.; MIRANDA, J. L. A.; METZNER, A. C. . Fatores que levam ao desinteresse dos alunos do Ensino Médio em participar das aulas de Educação Física. **Revista Educação Física UNIFAFIBE**, Bebedouro, Vol. V, p. 7-18, 2017.

MEDEIROS, M. ; BEZERRA, E. de L. .Contribuições das Neurociências à Compreensão da Aprendizagem Significativa. Artigo da **Revista Diálogos**. Nº 10. p. 180-197. São Paulo. Novembro de 2013. Disponível em: <http://www.revistadiálogos.com.br/Dialogos_10/Mario_Bezerra_Neurociencia.pdf>. Acesso em 12 de jan. 2019.

MENEZES, J. A. S.; SANTOS, L. A. M.; SOUZA, M. M. N.; SANTOS, K. S. C. . **Proposta de sistematização de conteúdos para a educação básica:** componente curricular educação física. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2009.

MOREIRA, A. C.; SANTOS, H.; COELHO, I. S. . A música na sala de aula - A música como recurso didático. **Unisanta Humanitas**, Santos, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2014.

NASCIMENTO, L. C. Do. . Fitness dance and music: uma proposta de ensinar e aprender sobre sexualidade e gênero na escola. In: V Congresso Nacional De Educação (CONEDU), 2018, Recife. **Anais V CONEDU**. Campina Grande-PB: Editora Realize, 2018. v. 1.

NATIVIDADE, N. T. Da et al. . **Música em sala de aula**. 127 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Pedagogia, Centro Universitário de Brasília, 2005. Disponível em: < <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/6672/1/40265041.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2018.

NÓBREGA, T. P. da. **Corporeidade e Educação Física: do corpo objeto ao corpo sujeito**. 3. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2009.

NÓVOA, A. . **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. SINPROSP - Sindicato dos Professores de São Paulo, 2007. Disponível em:<http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf>. Acesso em 20 de jan 2019.

NÓVOA, A. . **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, Instituto de

PORTO, T. L. C.; SANTOS, E.S.O.; GRUNNENVALDT, J. T.. Para além das palavras: uma experiência rítmica, do movimento e da expressão corporal. In: IV CONEDU, 2017, João Pessoa. **Anais do IV CONEDU**, 2017.

RIBAS, L. C. C.; GUIMARÃES, L. B. . Cantando o mundo vivo: aprendendo biologia no pop-rock brasileiro. **Revista Ciência & Ensino**, Piracicaba/SP, n. 12, dez. 2004. Disponível em: <http://www.cienciamao.usp.br/dados/ard/_cantandoomundovivoaprendendobiologianopor-rockbra.arquivo.pdf> . Acesso em 01 de fev. 2019

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico. (Org.). **Referencias Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Linguagens, Códigos e suas Tecnologia**. 1 ed. Porto Alegre: SE/DP, 2009.

ROSÁRIO, L. F. R.; DARIDO, S. C. A. . **Sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes**. IN: Revista Motriz. Rio Claro, v.11 n.3 p.167-178, set./dez. 2005.

SANCHES, T. M. . O desinteresse dos alunos do Ensino Médio pelas aulas de Educação Física. In: **Os Desafios da Escola pública paranaense na perspectiva do Professor**. PDE Artigos, 2014, Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3 Cadernos PDE Maringá, 2014.

SANTOS, L. A. M.; VIDAL, V. M. . O estresse do professor: estudo acerca da corporeidade em profissionais da educação básica. **Interespaco: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 3, p. 280-303, 2017. Disponível em < <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/viewFile/6277/5154>>. Acesso em 27 jul. 2018.

SANTOS, M. de F. dos; MARCON, D.; TRENTIN, D. T. . Inserção da Educação Física na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. **Motriz: rev. educ. fis.**, Rio Claro, v. 18, n.

3, p. 571-580, Set. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/motriz/v18n3/a17v18n3.pdf>. Acesso em 28 Abr . 2018

SANTOS, M. M. X. dos. **Contribuições do PIBID na formação docente para o Componente Curricular Educação Física**. Monografia. São Cristóvão: 2016. 64 p. UFS/SE.

SILVA, M. A. B.; ARAÚJO, D. O.; JESUS, L. F.. Uso da música como recurso pedagógico nas aulas de Matemática. In: IX Encontro Paraibano de Educação Matemática, 2016, Campina Grande. **Anais IX EPBEM**, 2016. v. 1.

SILVA, M. L.; SANTOS, L. A. M. Cultura e movimento: sistematização de conteúdos e metodologias de ensino para o componente curricular educação física. In: **ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM ALAGOAS**, 5., 2010. Maceió. Anais... Maceió, 2010.

SILVA, S. A. M.; OLIVEIRA, A. L. . A música no ensino de ciências: perspectivas para a compreensão da ecologia e a temática CTSA (ciência, tecnologia, sociedade e ambiente). 2009. **Rev. Dia a Dia Educação**, Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2109-8.pdf>>. Acesso em 01 de fev. 2019.

SOARES, C. L.. **Educação física escolar: conhecimento e especificidade**. Rev. Paul. Educ. Fís., São Paulo, supl.2, p.6-12, 1996.

SOUSA, N. R. de. et al. . Diagnóstico do uso da Música como Recurso Pedagógico na Educação Infantil. – **Revista Eletrônica**, REFAF, Alta Floresta, edição especial, fev. 2012.

SOUZA, S. E. . O uso de recursos didáticos no ensino escolar. **I Encontro de Pesquisa em Educação**. Arq. Mudi, 11 (Supl.2), p. 10-4, 2007.

TARDIF, M. . **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2012.

TARRICONE, K. . A música na interface da aprendizagem. **Revista Internacional de Educación Preescolar e Infantil**. Vol. 1. N.2 2015. Disponível em: <<https://journals.epistemopolis.org/index.php/eduinfantil/article/view/931>>. Acesso em 19 fev. 2019.

TORRES, A. L. . **Integrando Música e Química: uma proposta pedagógica alternativa de aprendizagem significativa**. 2017. 97 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências da Natureza: Física e Química) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2017. Disponível em <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/4771>>. Acesso em 01 de fev. 2019

APÊNDICES

APÊNDICE I

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA****INSTRUMENTO DE PESQUISA**

Este questionário faz parte da monografia de conclusão de curso intitulada **“APLICAÇÃO DA MUSICA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A PERCEPÇÃO DOS DOCENTES EM EXERCÍCIO NAS ESCOLAS DE ARACAJU”**.

INSTRUÇÕES PARA O PREENCHIMENTO: Marque com um X a alternativa que mais corresponde às suas experiências. É possível marcar mais de uma alternativa quando indicado no enunciado da proposição. Busque responder com sinceridade. Não deixe nenhuma questão sem resposta e reflita bem antes de responder. Faça uma revisão ao término de cada uma das respostas assinaladas e ao final, entregue-o ao pesquisador. Desde já agradeço sua colaboração.

INFORMAÇÕES PRELIMINARES:**1 – Idade**

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> A - de 18 à 20 anos | <input type="checkbox"/> D - de 20 à 25 anos |
| <input type="checkbox"/> B - de 25 à 30 anos | <input type="checkbox"/> E - de 30 à 40 anos |
| <input type="checkbox"/> C - de 40 à 45 anos | <input type="checkbox"/> F - mais de 45 anos |

2 – Sexo

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> A - Masculino | <input type="checkbox"/> B - Feminino |
|--|---------------------------------------|

3 – Rede de Ensino que atua (Marque mais de um, se houver):

- A - Ensino Público Municipal C - Ensino Público Estadual
 B - Ensino Público Federal D - Ensino Particular

4 – Instituição de formação

- A - Pública B - Particular

5 – Quanto tempo tem de formado?

- A - de 1 à 5 anos C - de 10 à 15 anos
 B - de 5 à 10 anos D - mais de 15 anos

6 – Quanto tempo de atuação docente?

- A - de 1 à 5 anos C - de 10 à 15 anos
 B - de 5 à 10 anos D - mais de 15 anos

7 – Grau mais alto de formação?

- A - Graduação - Licenciatura C - Mestrado (Stricto Sensu)
 B - Especialização (Lato Sensu) D - Doutorado (Stricto Sensu)

COM BASE NA SUA FORMAÇÃO INICIAL, RESPONDA:

8 – Durante seu curso de graduação você teve alguma disciplina ou vivência pedagógica que lhe proporcionasse a possibilidade da utilização da música como recurso metodológico? (Marque mais de uma, se houver).

- A - Sim, um ou mais professores utilizavam esse recurso em suas aulas.
 B - Sim, nos projetos de extensão e/ou atividades extracurriculares.
 C - Não tive contato com esse recurso.

9 – Nas disciplinas de Didática e/ou Metodologia do Ensino da Educação Física você conheceu e/ou experimentou da música como possibilidade de estratégia de ensino?

- A - Sim, conheci e/ou experimentei de forma satisfatória desse recurso como possibilidade de ensino.
 B - Sim, conheci e/ou experimentei, mas de forma superficial.
 C - Não, esse recurso não foi conhecido ou experimentado por mim nessas disciplinas.

SOBRE FORMAÇÃO CONTINUADA, RESPONDA:

14 – Você já participou de algum curso de capacitação no qual ajudou a utilizar estratégias que envolvam musicalidade?

- () A - Sim, participei de um ou mais cursos que me ajudaram a utilizar esse recurso.
- () B - Não participei de nenhum curso, mas, por iniciativa própria, busquei formas de como utilizar esse recurso.
- () C - Não participei de nenhum tipo de curso e nem busquei formas de utilizar esse recurso.

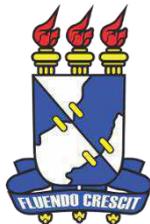
15 – Você acredita que um aprofundamento sobre questões ligadas a utilização da música nas aulas de Educação Física ajudaria na sua atuação docente?

- () A - Sim, pois tenho pouco ou nenhum conhecimento para utilização desse recurso.
- () B - Sim, apenas complementaria aquilo que já sei sobre esse recurso.
- () C - Não, acredito que acrescentaria muito pouco na minha atuação.

16 – Você acredita que recursos e estratégias metodológicas, como a música, deveriam ser mais trabalhados nos cursos Graduação e Formação Continuada?

- () A - Sim, pois são facilitadores da atuação docente ao fazer a ponte entre teoria e prática.
- () B - Não, pois o docente pode aprender recursos e estratégias na prática docente.
- () C - Não, pois são mais importante outros temas na formação e atuação docente.

APENDICE II

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) Senhor(a):

Eu, Enéas Soares Neto, CPF 054.225.125-61, RG 3.399.435-8, aluno do curso de Educação Física Licenciatura pertencente à Universidade Federal de Sergipe, estou desenvolvendo, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Anselmo Menezes Santos, a monografia de conclusão de curso intitulada: **“APLICAÇÃO DA MUSICA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A PERCEPÇÃO DOS DOCENTES EM EXERCÍCIO NAS ESCOLAS DE ARACAJU”**.

Assim, os dados desta pesquisa serão utilizados para construção dessa monografia, que tem como objetivo principal: Investigar o olhar dos docentes de Educação Física das redes Pública e Particular de ensino de Aracaju a respeito da utilização da música como estratégia metodológica em suas aulas.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Solicitamos a vossa autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos científicos. A sua identificação será mantida em sigilo, pois seu nome não será apresentado na pesquisa.

Agradecemos a vossa participação e colaboração.

Contato: Enéas Soares Neto – tel (79)9 9842-3397; eneasneto2@gmail.com

Professor Dr. Luiz Anselmo – tel (79)9 91172511; luizanselmomenezes@gmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da monografia de conclusão de curso “**APLICAÇÃO DA MUSICA COMO ESTRATÉGIA MEDOLOGICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A PERCEPÇÃO DOS DOCENTES EM EXERCICIO NAS ESCOLAS DE ARACAJU**” que tem como objetivo: **Investigar o olhar dos docentes de Educação Física das redes Pública e Particular de ensino de Aracaju a respeito da utilização da música como estratégia metodológica em suas aulas.** Fui convidado e concordei em participar. O pesquisador estará à disposição para tirar quaisquer dúvidas relacionadas à pesquisa. Recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes da pesquisa e sei que todos os dados a meu respeito serão sigilosos.

Nome por extenso _____

Assinatura _____ Aracaju, ___/___/___